

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR**  
**NÚCLEO DE SAÚDE**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**  
**MESTRADO ACADÊMICO EM PSICOLOGIA - MAPSI**

**A QUESTÃO DA MORTE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE  
FORMADORES RELIGIOSOS**

**RODRIGO MOREIRA MARTINS**

PORTO VELHO

2012

**RODRIGO MOREIRA MARTINS**

**A QUESTÃO DA MORTE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE  
FORMADORES RELIGIOSOS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Mestrado Acadêmico em Psicologia da Universidade Federal de Rondônia como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia da linha de pesquisa em Psicologia Escolar e Processos Educativos, sob orientação da Professora Dra. Elizabeth A. L. M. Martines

PORTO VELHO

2012

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**BIBLIOTECA PROF. ROBERTO DUARTE PIRES**

M3865q

Martins, Rodrigo Moreira

A questão da morte na prática pedagógica de formadores religiosos / Rodrigo Moreira Martins. Porto Velho, Rondônia, 2012.  
88f.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) Fundação Universidade Federal de Rondônia / UNIR.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elizabeth A. L. M. Martines

1. Tanatologia 2. Prática pedagógica 3. Pratica pastoral 4. Psicologia cultural  
I. Martines, Elizabeth A. L. M. II. Título.

CDU:159:37.015.3

Bibliotecária Responsável: Ozelina Saldanha CRB11/947

**RODRIGO MOREIRA MARTINS**

**A QUESTÃO DA MORTE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE  
FORMADORES RELIGIOSOS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Mestrado Acadêmico em Psicologia da Universidade Federal de Rondônia como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia da linha de pesquisa em Psicologia Escolar e Processos Educativos, sob orientação da Professora Dra. Elizabeth A. L. M. Martines

**Dr. Fabio Rychechi Hecktheuer**\_\_\_\_\_

**Dra. Maria Hercília Rodrigues Junqueira**\_\_\_\_\_

**Dra. Elizabeth A. L. M. Martines**\_\_\_\_\_

**(Orientadora)**

**Dissertação aprovada em:**

**PORTO VELHO**

**2012**

Dedicatória

*In memoriam*

Ao meu avô paterno Ernanes Martins  
Ao Pastor e companheiro de IMAM Rev. João Vicente

## AGRADECIMENTOS

À minha querida orientadora Prof<sup>ª</sup>. Beth

À minha querida amiga e Prof<sup>ª</sup>. Maria do Carmo

A todos os professores e professoras do MAPSI

A todos meus colegas de MAPSI

Aos colegas e participantes da pesquisa do IMAM

Aos meus amigos particulares Hércio, Gidalti, Maryanne, Rubiani, Coutinho

À UNIR

À minha mãe Dorcas, pelo exemplo de perseverança e virtude.

## RESUMO

A morte passou a ser um tema tabu em nossa sociedade. Ultimamente tem crescido a consciência de que é urgente e necessário instituir este tema na formação de profissionais da educação e da saúde, uma vez que essas pessoas vão enfrentá-lo no exercício de suas atividades profissionais e nossa cultura não prepara os indivíduos para o enfrentamento do mesmo. A questão da morte é um tema cultural, variando ao longo do tempo em uma mesma cultura e também entre as várias culturas. Enquanto na cultura oriental a morte é vista como evolução, crescimento e transição para uma nova vida, na cultura ocidental, a partir da modernidade, ela é tida como fim, ruptura, fracasso. Essa forma de tratamento do tema também se faz presente nas diversas instituições sociais da cultura brasileira, tanto na sua forma concreta como simbólica. Este trabalho relata uma pesquisa iniciada em uma instituição de ensino superior sobre como este tema se manifesta na prática profissional dos formadores de um curso de Teologia. Em 2010, foram gravadas e transcritas três entrevistas centradas no problema e desenvolvidas na forma de narrativas compartilhadas e uma entrevista individual, dentro da abordagem da Psicologia Cultural proposta por Jerome Bruner. A análise dos dados se deu pela Codificação Teórica segundo proposta de Flick a partir da entrevista centrada no problema. Os resultados apontam que o tema morte é entendido como interdito, ou seja, que há uma proeminente fuga em relação à temática. Entretanto, os professores formadores, mesmo não tendo tido uma preparação muito específica, utilizam todo o conhecimento de suas áreas de formação e as experiências vicárias para enfrentar os problemas que surgem em suas práticas (pastorais e pedagógicas), o que poderia ser o ponto de partida para qualquer programa de formação de profissionais da área. Espera-se que os resultados desses estudos possam contribuir para um melhor entendimento da temática pela sociedade em geral, além do aperfeiçoamento do currículo em ação da Instituição envolvida e de outras de áreas afins, bem como o desenvolvimento profissional dos envolvidos.

Palavras-chave: Tanatologia, Prática pedagógica, Prática pastoral, Psicologia cultural.

## **ABSTRACT**

Death has become a taboo subject in our society. Lately there has been growing awareness that it is urgent and necessary to introduce this subject in the training of professionals in education and health, since these people will face it in the exercise of their professional activities and our culture does not prepare individuals to face the same. The question of death is a cultural theme, varying over time in the same culture and among the various cultures. While in eastern culture death is seen as progress, growth and transition to a new life in Western culture, from modernity, it is seen as an end, rupture failure. This form of treatment of the theme is also present in the various social institutions of Brazilian culture, both in its concrete form as symbolic. This paper reports a research started in an institution of higher education on this issue manifests itself in the practice of forming a theology degree. In 2010, three were recorded and transcribed interviews focused on the problem and developed in the form of shared narratives and individual interviews, within the cultural psychology approach proposed by Jerome Bruner. Data analysis was given by Coding Theory as proposed by Flick from the interview focused on the problem. The results show that the theme of death is understood as forbidden, there is a prominent theme in relation to the leak. However, teachers trainers, even though he has been preparing a very specific use any knowledge of their areas and vicarious experiences to address the problems that arise in their practices (pastoral and teaching), which could be the starting point for any training program for professionals. It is hoped that the results of these studies can contribute to a better understanding of the subject by society in general, besides the improvement of the curriculum of the institution involved in action and other related areas, as well as the professional development of those involved.

**Keywords:** Thanatology, practice teaching, pastoral practice, cultural psychology.



## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Quadro 1: Definição de categorias do entendimento sobre a morte.....	p. 43
Quadro 2: Definição de categorias de como educa sobre o toma da morte.....	p. 46
Quadro 3: Definição de categorias de como aprendeu sobre o toma da morte.....	p. 48
Quadro 4: Relação entre as categorias.....	p. 50
Figura 1. Codificação Axial com definição de categorias conceituais e suas relações.	p. 52

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
<b>1 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>16</b>
1.1 ESTUDOS DE TANATOLOGIA.....	
1.1.1 A questão da morte.....	16
1.1.2 A morte interdita.....	20
1.2 A PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	26
<b>2 REFERENCIAL METODOLÓGICO.....</b>	<b>33</b>
<b>3 CONSTRUINDO UMA TEORIA FUNDAMENTADA RELATIVA À</b>	
<b>EDUCAÇÃO PARA A MORTE NA FORMAÇÃO DE RELIGIOSOS</b>	<b>39</b>
3.1 BLOCO 1: CODIFICAÇÃO ABERTA.....	39
3.1.1 Sentido/significado da morte, qual o entendimento? – excertos.....	39
3.1.2 Como educa sobre o tema? – excertos.....	40
3.1.3 Como aprendeu sobre o tema? – excertos.....	41
3.1.4 Sentido/significado da morte, qual o entendimento? – categorias.....	42
3.1.5 Como educa sobre o tema? – categorias.....	45
3.1.6 Como aprendeu sobre o tema? – categorias.....	47
3.2 BLOCO 2. CODIFICAÇÃO AXIAL.....	50
3.3 BLOCO 3. CODIFICAÇÃO SELETIVA.....	53
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>61</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>64</b>
<i>APÊNDICE 1 - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO ESTABELECIMENTO</i>	
<i>ESCOLAR.....</i>	<i>70</i>
<i>APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E</i>	
<i>ESCLARECIDO.....</i>	<i>71</i>
<b>APÊNDICE 3 - GUIA DE ENTREVISTA EM PEQUENOS GRUPOS.....</b>	<b>72</b>
<b>APÊNDICE 4 - ANÁLISE A PARTIR DA CODIFICAÇÃO ABERTA.....</b>	<b>73</b>
<b>ANEXO 1 - CARTA DE APROVAÇÃO NO COMITÊ DE ÉTICA EM</b>	
<b>PESQUISA.....</b>	<b>88</b>

## INTRODUÇÃO

De acordo com vários autores, a morte é encarada na cultura oriental de forma bem diferente de como vem sendo tratada na cultura ocidental e esta forma de tratamento do tema em nossa cultura se faz presente nas diversas instituições sociais, especialmente naquelas ligadas às áreas da saúde e da educação. (ARIÈS, 2003; KOVÁCS, 2002; MARTINES, 2003; PAULA, 2009). Enquanto na cultura oriental a morte é vista como evolução, crescimento e transição para uma nova vida, no ocidente, a partir da modernidade, ela é tida como fim, ruptura, fracasso. A morte no mundo contemporâneo é delineada desse modo ambíguo: é a morte da morte (RODRIGUES, 1983), tem que ser ocultada, por ser vergonhosa; tornou-se um tema interdito numa sociedade tecnicista e cientificista.

O processo de distanciamento do sujeito para com sua morte ou a morte do outro não se deu nem de modo claro nem rápido, mas foi objeto até de uma História da Morte no Ocidente, dado a monta do problema (ARIÈS, 2003). Na modernidade, a partir do século XVI, vimos uma mudança qualitativa quanto ao contato com a morte, modificando profundamente as estruturas de entendimento em relação à temática (RODRIGUES, 1983). A morte natural foi reelaborada à luz da dominação que emergia das ciências naturais. A razão, que se afastava paulatinamente da fé e da mística medievais, vai se apoderar também da morte e do lidar com a morte, isto pôde ser visto na “[...] laicização dos cemitérios e sua separação das igrejas e das cidades, sob impulso de uma ideologia higienista inspirada pela ciência.” (RODRIGUES, 1983, p. 164).

O fato de a morte só ocorrer ainda indiretamente na consciência de nossa sociedade é consequência do surgimento da sociedade burguesa com o seu *pathos* específico de racionalidade e autonomia, que declarou que todas as coisas são controláveis e domináveis e, justamente por isso, só podia ainda ser irritada fundamental e sensivelmente pela morte. Somente a morte ainda ameaçava a posição de uma segurança racionalizante e racionalizada, tão decisiva para a autocompreensão da burguesia. (JUNGEL, 2010, p. 31).

O processo de morrer, bem como o luto de quem fica, passaram a ser afastados das vivências e dos ciclos naturais do sofrimento. Historicamente, a reforma protestante contribuiu para a destruição de rituais ligados à morte e ao pós morte (extrema unção, missa de sétimo dia, oração e penitência pela salvação da alma dos mortos), e a falta dessa componente tanatológica no atual currículo dos cursos de saúde e educação segue a tendência atual de afastamento da morte e até mesmo de sua negação. (KOVÁCS, 1992, 2003a, 2003b; BARBOSA, 2007; BECKER, 1975).

Outro indicador dessa tendência é a teologia da prosperidade, na qual, para ser abençoado por Deus, é preciso sarar sempre, ter saúde eterna; não se admite o fracasso em nenhuma área (financeira, relacionamentos etc.) e assim, doenças e morte são coisas do diabo e devem ser afastadas a qualquer custo, gerando até fanatismos. Afinal, a fé “pode tudo”.

Enquanto a ciência, a medicina e estas correntes religiosas seguem negando e combatendo a morte, os profissionais religiosos vão se confrontar e lidar em seu dia a dia, tanto com o luto de quem fica quanto daquilo que existiria após a morte e respostas diversas são dadas pelas diferentes religiões, que tentam preencher a lacuna no conhecimento científico sobre o pós-morte.

O “não saber” sobre a morte tentamos preencher com teorias, intelectualizando. [...] afinal, tem de existir algo após a morte, senão a vida não teria razão de ser. Como nada existe que comprove isso, poderíamos dizer que se trata de defesas maníacas. As idéias de outra vida, de paraíso, de reencarnação, não são sustentadas pelos nossos conhecimentos atuais. Voltamos aqui para o terreno da fé, com suas vantagens e perigos. (KOVÁCS, 1992, p. 95)

Entretanto, se por um lado o tema da morte se tornou interdito em nossa cultura, por outro, nos últimos tempos, a morte invade nosso cotidiano de forma abusiva e escancarada, principalmente, pelo avanço dos meios de comunicação: cenas de violência com corpos trucidados invadem os noticiários, as novelas, os filmes; imagens de guerra são transmitidas ao vivo e em tempo real, interrompendo até os programas infantis; suicídios são colocados em frente às câmeras de televisão; revistas e jornais exploram cenas de espancamento, violência e morte. Assim, vivemos numa época em que pouco se pensa ou se fala sobre a morte ao mesmo tempo em que esta é apresentada como um evento cotidiano e banal, o que a torna um tema interdito e gera uma insensibilidade diante da

questão que se generaliza de forma progressiva em nosso meio sócio cultural. (KOVÁCS, 2002).

Disso resulta então, uma visão velada da morte, que não se ousa apresentar como própria, porque o tema é afastado tanto pelo calar religioso quanto pela higienização médica. Jung (2000, §805) identifica nesse processo uma fuga expressada pela falácia iluminista do presente como único modo de existência considerando que não existiria nada após a vida, sendo a morte o portão para o nada existencial.

Por isso, já foi apontado por Kovács (2003b), a necessidade de uma Educação para a Morte, especialmente na área da Saúde e na formação de outros profissionais. Neste trabalho, apontamos nossas lentes para outra área da sociedade: a das comunidades religiosas, com seus ritos e a contribuição que podem dar para o enfrentamento de vivências com a questão da morte nas comunidades por eles assistidas, dentro de uma determinada cultura.

Há pesquisas que demonstram que “[...] vários religiosos disseram que o trato com a morte é uma tarefa pesada” (KASTENBAUM; AISENBERG, 1983, p.190) neste contexto cultural em que vivemos, devido à contradição de que o tema da morte está intensamente presente no cotidiano das igrejas e religiões, mas estranhamente ausente nos seminários que formam os futuros teólogos e sacerdotes que trabalharão nessas comunidades (MARTINES, 2003; MARTINES & MARTINS, 2010). Acreditamos que, identificar significados presentes nas práticas dos profissionais envolvidos com estas questões poderá ajudar as instituições a instituírem currículos mais adequados à formação de profissionais preparados para lidar com as questões da morte em nossa sociedade, assim como defende Kovács (2003a, 2003b).

Em um trabalho anterior, Martines (2003) estudou o currículo de uma Instituição de Ensino Superior (IES) com o objetivo de identificar como a questão da morte é desenvolvida num curso que forma teólogos / pastores, por compartilhar com esta e outros autores, a tese de que há uma necessidade de uma educação para a morte no sistema de ensino formal. Em 2003, foram analisadas narrativas de uma coordenadora pedagógica que acompanhava a implantação do currículo de um curso de formação pastoral e, também, de uma profissional egressa do mesmo curso, sobre a formação que recebeu nessa área e quais os problemas ligados à morte está enfrentando na sua atuação profissional.

A pesquisa se baseou em dois conceitos fundamentais: “[...] um deles é o conceito de pesquisa educativa, isto é, aquela em que os envolvidos na investigação vão além do estudo de problemas educacionais, pois se educam no processo.” (MARTINES & MARTINS, 2010, p. 6)

O outro é o pressuposto de que os docentes

[...] produzem saberes na atuação profissional com base no conhecimento teórico a que tiveram acesso, as condições concretas em que atuam e o diálogo com os diferentes contextos formativos e profissionais nos quais convivem ao longo do exercício da profissão. (MARTINES & MARTINS, 2010, p. 6).

Nesta direção, o currículo é entendido como “[...] um processo social que se cria e passa a ser experiência através de múltiplos contextos que interagem entre si.” (SACRISTÁN & GÓMEZ, 1998, p. 138), podendo-se captar esse processo em diferentes pontos de apoio na investigação curricular, isto é, o currículo prescrito e regulamentado no âmbito de decisões políticas e administrativas como as diretrizes curriculares emanadas pelos órgãos reguladores do sistema educacional, como também no currículo planejado no contexto da escola; ou ainda no *currículo em ação*, o qual envolve a regulação por parte do professor no planejamento e condução das programações feitas bem como nas tarefas de aprendizagem que os alunos realizam; mas é também o currículo avaliado, por práticas de controle tanto internas como externas.

Assim, esta abordagem do currículo liga seu aperfeiçoamento do currículo com o desenvolvimento profissional do/a professor/a, e durante o processo os participantes e a realidade se transformam, podendo ser comparados com as duas margens de um rio, que correm lado a lado, em constante processo de transformação. (MARTINES, 2005).

Como todo currículo se desenvolve dentro de um contexto cultural que é determinante de muitas atitudes, de valores e do discurso presente nos documentos produzidos, nos diálogos informais e formais, nas aulas e nos corredores de uma instituição de ensino, surgiu o conceito de *currículo oculto* para denunciar este aspecto, quase sempre inconsciente para quem o pratica, reproduzindo ideologias, valores e atitudes de classes ou grupos e até nações dominantes. Considerando que este conceito é importante no contexto de nossa cultura, na qual a morte é um tema interdito, procurou-se investigar se naquela instituição o tema da morte se caracterizaria como currículo oculto ou, ainda como *currículo nulo* que se refere aos temas que nunca aparecem no currículo, planejado ou em

ação, como é o caso dos temas considerados tabus. Os resultados desta análise indicaram a necessidade de aprofundamento da investigação e esta pesquisa se propôs a realizá-lo.

Assim, este trabalho se justifica, principalmente, pela escassez de pesquisas que visem especificamente à temática da morte entre os educadores de religiosos e pela importância que o tema adquiriu em nosso meio, procurando contribuir com o desenvolvimento dessa temática, especialmente na formação destes profissionais e pela relevância de sua atuação para a sociedade como um todo.

A escolha da instituição se deu devido minha atuação profissional como professor e coordenador do curso de Teologia da mesma, quando iniciamos a pesquisa, tendo responsabilidades sobre o desenvolvimento do currículo e do Projeto Pedagógico do curso. A pesquisa visou, especificamente, a compreensão de como a morte tem sido entendida por líderes religiosos que também são educadores e como isso resulta em sua prática educativa.

Assim, tivemos como objetivo analisar quais são os significados atribuídos à morte pelos docentes do curso de teologia do IMAM - INSTITUTO METODISTA DA AMAZÔNIA, em sua relação com a prática educativa de formadores e a prática pastoral. Além de registrar e analisar narrativas de professores quanto aos significados atribuídos à morte, buscamos refletir com os formadores sobre as situações de prática pastoral relacionadas com a questão da morte e, por fim, identificamos e descrevemos propostas de mudanças curriculares apresentadas pelos formadores.

Este trabalho apresenta inicialmente o referencial teórico que fundamentou a pesquisa, os procedimentos metodológicos utilizados, a discussão dos dados e sua apresentação segundo categorias que emergiram da análise e finaliza com a apresentação de uma revisão da teoria proposta por Kovács, da necessidade de uma educação para a morte, fundamentada nos dados.

# 1 REFERENCIAL TEÓRICO

## 1.1 ESTUDOS DE TANATOLOGIA

### 1.1.1 A questão da morte

Durante muito tempo no ocidente a morte foi vista como fazendo parte da vida, onde as pessoas sabiam e viviam em função do conhecimento coletivo e público da existência da morte. A fronteira entre o natural e o sobrenatural não era tão claramente delimitada e a cena do moribundo em seu leito de morte cercado pelos familiares e fazendo recomendações, distribuindo os bens, pedindo e recebendo pedidos de perdão, é a que melhor ilustra esse período onde havia uma espécie de “premonição da morte” (ARIÈS, 1981, p. 9). Simplicidade e o fato de ser um evento público são duas características que cercavam a morte neste período histórico (KOVÁCS, 2002).

Assim esboçado em tom menor, o pesar de deixar a vida permite perceber a delicada ambiguidade de um sentimento popular e tradicional da morte, que também se manifestou nas expressões das culturas eruditas: *contemptus mundi* da espiritualidade medieval, desligamento socrático ou enrijecimento estoico da Renascença. (ARIÈS, 1981, p. 16).

Outra característica deste modelo é a importância dos rituais instituídos, sobretudo, pela Igreja Católica: a extrema unção, as orações e a recomendação das almas, os cortejos e os funerais, as cerimônias de perdão e despedidas dos que acompanhavam os heróis e guerreiros quando partiam para as batalhas, as manifestações de dor e luto, os testamentos, missas pelos mortos etc. Também floresceram os cemitérios nos centros urbanos, os quais se tornaram locais públicos onde a proximidade entre vivos e mortos permanecia grande e as práticas variavam de atividades profanas à sacralizadas (KOVÁCS, 2002). Ora, “[...] no interior desses muros, os vivos encontravam-se com os mortos, na paz de Deus: *omnio sunt (cimiteria) in pace Domini*”. (ARIÈS, 1981, p. 67)

A influência e o poder da Igreja no desenvolvimento destas práticas e das representações associadas à morte foram muito grandes em todo esse período denominado por Áries (1981) de “morte domada”, no qual a insensibilidade se manifesta pela familiaridade, pela proximidade entre vivos e mortos, “[...] tão diferente da dos dias de hoje, onde nem ousamos dizer seu nome. (...) ela é domada não porque selvagem, e sim



pela sua característica de familiaridade” (KOVÁCS, 2002, p. 9), muito presente entre o século V e o final do século XVIII.

Perguntemo-nos primeiro como morriam os cavaleiros da gesta ou dos mais antigos romances medievais. Primeiramente, são advertidos. Não se morre sem se ter tido tempo de saber que se vai morrer. Ou se trataria da morte terrível, como a peste ou a morte súbita, que deveria ser apresentada como excepcional, não sendo mencionada. Normalmente, portanto, o homem era advertido. (ARIÈS, 2003, p.27).

Na era moderna, a oposição à Igreja iniciada pela reforma protestante cresceu com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, levando à substituição da influência dos homens do clero pelos da medicina e muitas práticas e representações em relação à morte foram se transformando, associadas com medidas sanitárias e de higiene pública: mudaram-se os ritos, as instituições (como os hospitais e os cemitérios), os procedimentos com os defuntos, a atitude diante da expectativa da morte. Segundo Áries (1981), com a secularização da morte, esta vai se tornando selvagem, invertida. Afinal,

[...] os rápidos progressos do conforto, da intimidade, da higiene pessoal, das idéias de assepsia tornaram todo o mundo mais delicado; sem que nada em contrário se possa fazer, os sentidos já não suportam os odores nem os espetáculos que, ainda no início do século XIX, faziam parte, com o sofrimento e a doença, da rotina diária. (ARIÈS, 1981, p. 623)

Os limites entre vida e morte se tornam menos evidentes, com a identificação de vários sinais de vida e sensibilidades no corpo do morto, o uso de cadáveres para estudos da medicina, de suas secreções na farmacopéia, da compreensão de que a decomposição dos corpos fertiliza a terra. Uma mercantilização crescente em torno da morte acompanha o processo de medicalização, que se espalha nos séculos XIX e XX em nossas sociedades ocidentais. “Para imortalizar o homem, a ciência o introduz no domínio da natureza, da mortalidade [...] a história da morte natural é também a da medicalização da morte e da luta contra a morte”. (RODRIGUES, 1983, p.157.)

Ao mesmo tempo, nossa cultura se converteu em uma “sociedade tanatotóxica”, ou com estilo de vida com componentes letais (KASTENBAUM & AISENBERG, 1983, p. 201), na qual se encontram a acumulação de armamento nuclear, a contaminação do planeta, a despersonalização e o elevado nível de agressividade que as metrópoles produzem, o rebaixamento do valor individual e da auto-estima. Nas grandes cidades ocorrem a solidão, a distância dos vizinhos, a falta de solidariedade, o desenraizamento e a

quebra das tradições. A tecnologia não atende mais as necessidades básicas e pessoais do sujeito e a morte surge como solução para o alívio da frustração. Logo, o Ocidente chegou numa encruzilhada ética. (KOVÁCS, 1992).

Podemos ainda citar outros dados sobre como o mundo vem mudando e expondo populações que vivem sob riscos cada vez mais acentuados: é a indústria automobilística que fabrica carros cada vez mais velozes, mas também menos resistentes; são as drogas cada vez mais potentes e destruidoras; são as doenças venéreas que recrudescem devido a agentes infecciosos resistentes a antibióticos cada vez mais fortes e mais caros; é a AIDS e outras doenças causadas por vírus emergentes, com poder mortal para as quais a ciência ainda não tem solução; aumento da violência e do banditismo; aumento da facilidade de comprar armas e da preocupação em se defender; aumento das pressões sociais quanto à opção sexual e à carreira, cada vez mais competitiva, o que demanda maior tempo de preparação, estendendo o período da adolescência por muitos anos. (MARTINES & MARTINS, 2010, p. 4).

Essa é uma época sem delimitações marcantes como acontece na maioria das culturas tradicionais, onde os ritos de passagem da infância para a vida adulta marcam claramente os limites e as responsabilidades e que tem mudado a maneira das pessoas enfrentarem a vida, buscando, muitas vezes, os mais diversos tipos de fuga da realidade, como o suicídio, as drogas, a violência etc. Daí o crescente interesse pelo tema Morte nos últimos tempos. (KASTENBAUM & AISENBERG, 1983, p.199)

Um problema decorrente deste é o aumento de casos de suicídio, que vem se tornando um problema de saúde pública: estima-se que em 2020 cerca de 1,53 milhão de pessoas morrerão desta forma, o que significa um caso de suicídio a cada 20 segundos, pois havia uma tendência de crescimento de 60% dos suicídios entre os anos 1995 e 2000, ocupando hoje a terceira causa de morte entre pessoas com idades de 15 a 44 anos, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS). No caso do Brasil, o Instituto Médico Legal (IML) envia as declarações de morte para o Ministério da Saúde (MS), que consegue rastrear cerca de 80% das mortes no país. Ora, o suicídio é categorizado como *Causas Externas*, que inclui mortes decorrentes de violência e acidentes. (FONTENELLE, 2008, p. 198-190)

Outras pesquisas da OMS indicam que a violência declina quando o nível educacional e a renda da população aumentam, sendo possível prevenir, pelo menos em parte, estes aumentos de casos de morte, já que nos países desenvolvidos predominam os

suicídios enquanto que nos subdesenvolvidos/em desenvolvimento, os homicídios e as mortes ligadas a conflitos sociais superam em muito os casos de suicídio.

Mas, todos nós enfrentamos não só os casos de morte real (aquela que ocorre no final da vida), com a perda de um vínculo que se rompe de forma irreversível. Afinal, alguém nunca mais estará presente para nós de modo físico. Entretanto, há outro tipo de morte: a simbólica, na qual vivenciamos “a morte como ausência, perda, separação, e a consequente vivência de aniquilação e desamparo” (KOVACS, 1992, p. 154), que é internalizada em memórias e lembranças. Sentimentos fortes se condensam em qualquer perda, quer concreta ou simbólica.

Nossa cultura tanatotóxica ainda apresenta o aumento assustador dos casos de depressão (SOLOMON, 2002, p. 25), bem como os graves problemas relacionados ao tratamento que nossa cultura dispensa à velhice. Se por um lado a sociedade moderna garante maior taxa de sobrevivência, refletida nas estatísticas demográficas de todo mundo, esse prolongamento da vida nem sempre é acompanhado de uma preocupação equivalente com a qualidade da mesma, pois em nossa cultura a velhice passou a ser desvalorizada, relacionada com valores como a inutilidade ou um fardo. (KOVÁCS, 2002). Em muitas culturas cabe aos velhos o lugar da sabedoria, da cura, porque conhecem os mistérios, possuem mais conhecimento e experiências de vida; são responsáveis para guiar a comunidade a partir dos sonhos, etc. Mas, isso vem acontecendo cada vez menos entre nós, especialmente nos grandes centros urbanos.

Também é cada vez mais frequente a separação entre os casais, a qual estimula desejos de morte: contra o(a) companheiro(a), senão concretamente, pelo menos internamente, como possibilidade ou o desejo de morte se volta contra si, quando a pessoa pode entrar num estado de melancolia e se perder em doenças mentais ou atentar contra a própria vida.

A expressão de sentimentos numa situação de perda, como o abandono e a solidão, que evocam raiva, tristeza e a culpa, facilita a elaboração, mas alguns fatores sócio culturais têm dificultado esse processo, como a negação da morte, o terror que ela inspira, a falta de rituais que auxiliem sua elaboração, bem como a falta de auxílio individual, se destacam entre eles e médicos, assistentes sociais e outros profissionais, não necessariamente psicanalistas, mas com uma visão da importância das fantasias inconscientes, podem ser de

grande ajuda para suas comunidades. (KOVÁCS, 1992; CASSORLA, 1992; BECKER, 1975).

### 1.1.2 A morte interdita

Phillipe Ariès desenvolveu uma pesquisa sobre a história da morte e concluiu que esse conceito foi se transformando ao longo do tempo através de um processo gradual, lento e, a partir de uma noção que ele chama de Morte Domada (meados da Idade Média até o início da Modernidade) passou para a Morte Interdita. O primeiro conceito que se refere à uma morte aceita, consciente, presente e vai mudando para “[...] um fenômeno absolutamente inaudito: a morte, tão presente no passado, de tão familiar, vai se apagar e desaparecer; torna-se vergonhosa e objeto de interdição.” (ARIÈS, 2003, p. 84).

Essa interdição, que surge como fenômeno vergonhoso da própria condição humana mortal, se apresenta de vários modos: ao ocultar do moribundo a gravidade de seu estado, transforma a verdade do fim da vida em algo problemático, mentiroso, interdito, com o desejo de poupar o enfermo de assumir sua provação, evitar crises emocionais, tanto dele mesmo quanto daqueles que o cercam. Ariès (2003) liga essa preocupação com a nascente modernidade e seus ideais de vida feliz e de aparência inatingível, conquistadora de coisas infinitas, inclusive da vida eterna.

Ora, apesar de todo idealismo utópico que o ser humano cria para si mesmo - uma espécie de negação da morte para que a vida de sonhos se realize -, a morte se faz presente todos os dias, em vários lugares, de muitos modos. Ela se esconde nos hospitais, onde até os profissionais da saúde se negam a falar sobre o assunto. Mas, mesmo assim, com seus odores fétidos e imagens gélidas os cadáveres insistem em “nascer” da vida (JUNG, 2000, §800) para a realidade que os espera em confronto com a realidade que os vivos constroem para serem felizes (ARIÈS, 2003, p.90). Como não há como impedir esse fato da vida, não há como impedir a morte. Assim, a sociedade começa a tratar a morte como tabu (RODRIGUES, 1983) ou a negá-la (KÜBLER-ROSS, 1996; BECKER, 1975).

Os filósofos sempre chamaram a atenção para a necessidade de aceitar a morte. Seja um Platão falando através de Sócrates em a *Apologia*, sinalizando: “É a hora de irmos: eu para a morte, vós para as vossas vidas; quem terá a melhor sorte? Só os Deuses sabem.” (PLATÃO, 1973, p. 30). Ou um Heidegger, que filosofa a partir de um ser para morte; um Epicuro, que fala da presença da morte só por causa da presença da vida. Ora, a morte se alimenta da vida. Por fim, é Agostinho de Hipona quem diz que ele próprio se tornou uma

incógnita para si (JÜNGEL, 2010, p. 19). A morte interdita aponta para certa curiosidade sobre aquilo que está após o evento final; também desloca as preocupações – isso de modo muito salutar – para a própria vida, daquele que vai morrer e dos que o acompanham no processo.

Apesar de os autores, durante a História da Filosofia, sempre chamarem a atenção para o conceito de morte estar ligado às concepções da vida e suas necessidades de existência e fim, foi um psicólogo quem chamou nossa atenção para a vertente da morte como desenvolvimento a ser atingido, como meta teleológica para o ser humano. Jung (2000) nos diz:

Do meio da vida em diante, só aquele que se dispõe a morrer conserva a vitalidade, porque na hora secreta do meio-dia da vida inverte-se a parábola e nasce a morte. A segunda metade da vida não significa subida, expansão, crescimento, exuberância, mas morte, porque o seu alvo é o seu término. A recusa em aceitar a plenitude da vida equivale a não aceitar o seu fim. Tanto uma coisa como a outra significam não querer viver. E não querer viver é sinônimo de não querer morrer. A ascensão e o declínio formam uma só curva. (JUNG, 2000, §800).

É um misto de entendimento entre morte concreta/biológica e sua concepção psicológica/simbólica que se apresenta no texto *A Alma e a Morte*, de Jung. O movimento das ideias do texto segue para a tomada de consciência do processo de morrer. Algo como o que a Dra. Kübler-Ross apresenta em seus cinco estágios do Luto na obra *Sobre a Morte e o Morrer*: Negação e isolamento, Raiva, Barganha, Depressão, Aceitação.

A definição desses estágios ou passos é proveniente da larga experiência dessa médica-pesquisadora que entendeu, após vários anos de vivência entre pacientes terminais, que “[...] a melhor forma de compreender o processo de morrer para poder ajudar de uma forma mais eficaz, era pedir que os pacientes em fase terminal fossem seus professores, relatassem suas experiências, que seriam analisadas em sua dinâmica”. (KOVÁCS, 1992, p. 199).

Com suas pesquisas, Kübler-Ross inaugura um movimento que vem tentando romper com a interdição do tema da morte em nossa sociedade e se preocupando com a formação de profissionais que lidam com estas questões em suas práticas profissionais, ajudando-os a compreender que, tanto o processo de morte não-natural quanto a morte a partir do envelhecimento, demonstram um fenômeno cultural atual: a carência do ser humano de uma educação para a morte, que começa em suas raízes mais profundas, na própria religião. E essa carência de educação também se encontra com o eco de uma

religiosidade distorcida durante a evolução das principais religiões. “É familiar que o argumento de que as raízes de todas as religiões têm início no encontro do homem com a morte, sua necessidade de enfeitar e interpretar o desnudo fato da mortalidade.” (KASTENBAUM & AISENBERG, 1983, p. 189), mas com o passar do tempo, algumas delas passaram a negar a morte ou tratá-la de forma negativa.

A religião também é considerada uma tentativa de explicação da realidade por meio da fé. No caso do evento da morte, as religiões assumem papel de fundamental importância para a lida com a situação. A fé é a resposta dos sistemas religiosos para se ter segurança e certeza no pós-vida: após o processo da morte encontra-se um novo fundamento, uma nova realidade, na maioria das vezes melhor. Essa certeza gerada pela fé nem sempre foi compartilhada pelos filósofos que chegaram a zombar de Paulo, que diz em Atos 17:30-32:

No passado Deus não levou em conta essa ignorância, mas agora ordena que todos, em todo lugar, se arrependam. Pois estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio do homem (Jesus) que designou. E deu provas disso a todos, ressuscitando-o dentre os mortos. Quando ouviram sobre a ressurreição dos mortos, alguns deles zombaram, e outros disseram: A esse respeito nós o ouviremos outra vez.

Este texto da Bíblia é muito representativo por tratar de dois temas importantes para nossa pesquisa: a fé numa entidade maior que representa o controle sobre tudo e todos, a ponto de realizar um “juízo” de cunho escatológico – que viria depois da vida (BRAATEN & JENSON, 1995); e a outra questão é a da ressurreição dos mortos, o que deixa clara evidência de uma fé na vida após a morte. Assim, da perspectiva da religião cristã, há uma certeza que impele a uma aparente negação da morte.

Jung (2000) fala sobre isso se colocando cautelosamente entre o ceticismo de alguns filósofos e a tranquilidade da fé dos religiosos, e lembra que a religião é uma das formas que o próprio ser humano tem de se preparar para a morte. Vejamos:

No momento em que talvez se poderia esperar, eu não gostaria de tirar uma fé subitamente de meu bolso e convidar meus leitores a fazer justamente aquilo que ninguém pode fazer, isto é, a acreditar em alguma coisa. Devo confessar que eu também jamais poderia fazê-lo. Por isto certamente eu não afirmarei agora que é preciso crer que a morte é um segundo nascimento que nos leva a uma sobrevida no além. Mas, posso pelo menos mencionar que o *consensus gentium* [consenso universal] tem concepções claras sobre a morte, que se acham expressas de maneira inequívoca nas grandes religiões do mundo. Pode-se mesmo afirmar que a maioria destas religiões é um complicado sistema de preparações para a morte, de tal modo que a vida, de acordo com a minha fórmula paradoxal acima expressa, realmente nada mais é do que uma preparação para o fim

derradeiro que é a morte. Para as duas maiores religiões vivas: o Cristianismo e o Budismo, o significado da existência se consuma com o seu término. (JUNG, 2000, § 804)

Tratando do pós-morte como um símbolo criado para atenuar o trauma do término da vida, Jung lida com o interdito da morte de outra forma: sua aceitação é o caminho para a Individuação, afinal “[...] o processo de individuação, em última análise, não é uma mera escola de vida, mas quando bem compreendido, uma preparação para a morte.” (JAFFÉ, 1980, p. 12). O fim da vida, para Jung, era chamado de um “[...] segundo nascimento, que de fora, se parece com uma morte.” (JAFFÉ, 1980, p. 15). Ora, nada mais correlato que os ensinamentos neotestamentários, onde o batismo ritual significa novo nascimento para uma nova realidade chamada Reino de Deus (BRAATEN & JENSON, 1995).

Só que a interdição do tema na Bíblia não se deu de forma tão simples, acontecendo num tempo bem mais remoto que os registros de nossa Idade Média Ocidental. *Sheol* é a palavra para o lugar dos mortos, quem ia para esse lugar estava separado dos vivos por causa do término efetivo da vida (COENEN & BROWN, 2000). Ainda não havia o dualismo corpo-alma nem a noção de imortalidade da alma. Esses novos conceitos só apareceram quando o povo de Israel passou pelos eventos bélico-políticos, que o levou a ter contato com culturas diferentes, sendo influenciado profundamente por outras visões de mundo em sua escatologia.

Quando os persas assumem o controle da Babilônia, em 539 a.C, seu próprio conjunto de crenças já houvera sofrido considerável reforma e, pelo menos virtualmente, o zoroastrismo era a religião oficial do império. Em seu centro estava a ideia da ressurreição, inclusive a de uma ressurreição geral e de um grande julgamento final, que culmina com punições e lauréis. (SOARES, 2008, p. 2).

O cativeiro imposto pelos babilônicos transformou a mentalidade dos judeus quanto à ideia de imortalidade da alma. A história de Israel é uma história que versa sobre uma aliança de um Deus único (IAHWEH) e um homem de fé (Abraão). Nessa aliança havia o seguinte acordo: Deus faria com que os descendentes de Abraão fossem tão numerosos quanto as estrelas do céu, e esse povo, que se chamaria povo de Deus e se entenderia como povo escolhido, teria uma religiosidade de exclusiva adoração a esse Deus. Ora, o cativeiro foi uma espécie de punição pela quebra dessa aliança por parte dos Judeus. (BRIGHT, 1970; TILLICH, 1988; KOESTER, 2005)

Após o cativeiro babilônico sobreveio àquela parte do mundo o evento chamado Helenismo, levado a cabo por Alexandre – O Grande (COENEN & BROWN, 2000, p. 1319). Desse processo veio a influência grega que transformou o humano em algo separado, dualisticamente separado: alma e corpo como coisas distintas. Foi Platão quem trouxe essa nova visão de uma religião de mistérios chamada Orfismo. (REALE, 2003; CHATELET, 1973; BREHIER, 1977)

Assim,

A formulação da escatologia pessoal judaica antiga deve alguns de seus elementos centrais ao encontro do judaísmo com elementos característicos de vivências culturais, religiosas e filosóficas externas, mais notadamente de persas, gregos e suas compreensões de ressurreição e imortalidade, respectivamente. (SOARES, 2008, p 19)

Logo, a morte no Antigo Testamento significa o fim total da existência do homem: “O Homem foi tirado da terra, e ao pó voltará” (Gênesis 3:19). Entretanto, com as influências sofridas pelo cativeiro babilônico e pelo evento do Helenismo, a religiosidade cristã assume uma nova postura no Novo Testamento, e segue com essa nova visão de uma vida que pode ser gratificada no pós-morte até a alta Idade Média, chegando à Morte Domada de Ariès.

A Morte Interdita segue um curso curioso na linha do pensamento cristão e vai influenciar grandemente o modo de entender a morte de nossa época contemporânea. Há a morte concreta que é vivida como algo ruim, tendo em vista que sua aceitação na cultura cristã deixou de ser natural há muito tempo. Por causa dos vários contatos com culturas diferentes, a perspectiva cristã assumiu a postura, através da fé, de que a finalidade da vida humana é se encontrar com seu Deus após a morte.

A fé não exige explicações científicas como a mentalidade moderna, é muito mais intuitiva e acessível. A fé no pós-vida se apresenta como um dom para Jung, lembrando que “[...] alguns que não possuam tal dom, talvez possam ser ajudados pela lembrança de que a própria ciência aponta para uma possibilidade de continuação da vida” (JAFFÉ, 1980, p. 20), referindo-se à ciência parapsicológica de sua época em relação ao tempo e espaço. Ora, a alma não estaria sujeita nem ao tempo nem ao espaço.

Novamente, vemos que a morte interdita é fruto de uma fuga à individuação plena do ser humano. Chegar à plena aceitação do fim, entendendo a vida como um processo



transitório, uma oportunidade para se atingir a plenitude de ser humano, é muito difícil e raro. Mesmo Jung teve dificuldades em seus últimos anos de vida:

[...] cerca de um ano antes de sua morte essa dor (sensação de fraqueza e transitoriedade) ainda existia, mas já anunciava a sua superação – a idade avançada só tem a metade das vantagens que se costuma supor. [...] e por fim sonhou com um pedra redonda colocada sobre um pedestal elevado, com a seguinte inscrição – como sinal da tua Totalidade e da tua Unidade. (JAFFÉ, 1980, p. 23-24).

Desapegar-se da vida, estar preparado para a morte, mesmo essa sendo uma certeza incontestável, é um desafio que o ser humano tem enfrentado durante muito tempo de sua história. Ora, aceitar a morte de perto, domá-la foi um feito e tanto durante um tempo. Mas, com o desenvolvimento da ciência e dos conhecimentos modernos, enfrentar essa inimiga terrível voltou a ser passível de se tentar. Com a falácia do poder infinito da razão desenvolvida durante a modernidade e vista em ação principalmente nas ciências médicas, o ser humano realmente quis crer que poderia vencer a morte. Ledo engano.

A morte interdita foge da individuação proposta por Jung e se refugia na crença cristã da eternidade premiada pelo Deus bíblico não por falta de preparo, mas sim por ser característica do ser humano querer a vida. Querendo a vida, mesmo diante da morte aparente, prefere fugir da ideia de morte, prefere esconder-se dela, tanto das mortes concretas quanto das simbólicas. Ouvir o clamor daqueles que estão diante da morte faz com que nos aproximemos da dor deste momento inaudito, e aí sim, a morte interdita se coloca como fator que inibe ações de cuidado para uma psique ainda longe de sua individuação. Escutemos a Dra KÜBLER-ROSS (1989): “*Morir es trasladarse a una casa más bella, se trata sencillamente de abandonar el cuerpo físico como la mariposa abandona su capullo de seda*”.

Diante de tantas transformações culturais, Kovács (2002, 2003) defende a tese de que é urgente e necessário instituir o tema da morte na formação de profissionais da educação e da saúde em nossa sociedade. Afinal, qual a importância do tema da morte na formação de pessoas que vão lidar com ela em suas atividades profissionais? São vários os profissionais que trabalham de alguma forma com a morte. Entretanto os educadores vivenciam de maneira peculiar essa temática. Muitas vezes se vêem despreparados frente às situações do cotidiano em que a morte se apresenta. Como educar para a morte? Eis uma grande questão...

## 1.2 A prática Pedagógica

Educar para a morte é um desafio que tem sido proposto principalmente na área da saúde (KOVÁCS, 2003a, 2003b) a partir de teses orientais (RIMPOCHÉ, 1994) que ultrapassam o tecnicismo imposto à educação de nosso tempo. O estudo sobre o educar para a morte tem sido apontado como escasso e muito necessário (KOVÁCS, 2003b), ainda mais quando o tema se apresenta como currículo oculto nas escolas, dentro de um contexto cultural de Morte Interdita. Maria Júlia Kovács aponta, junto com outros pesquisadores, que

[...] é importante considerar a visão de morte dos professores e a maneira como lidam com seus processos de luto. [...] Suas colocações, penso, corroboram as idéias anteriormente expressas e colaboram para legitimar a defesa da tão necessária contribuição à formação dos educadores, uma vez que a lacuna é patente, assim como são patentes as consequências advindas de um perigoso silenciar. (KOVÁCS, 2003, p. 50)

Nosso estudo, procurando atender a esta lacuna, visa não somente educadores, mas educadores religiosos e o tipo de pedagogia utilizada por eles com relação a este tema. E nossa preocupação se alinha com a preocupação de outros pesquisadores, porque o tema Morte também é um tema que é do cotidiano desses profissionais. Ao mesmo tempo, há muita dúvida em como a formação desse tipo específico de educador está sendo desenvolvida, ou seja, quais as ferramentas que eles utilizam. Há nessa formação de educadores religiosos alguma prática pedagógica que não se expressa no currículo oficial e se enquadra no currículo oculto? Ou o currículo do curso de formação desses profissionais é um currículo nulo em relação a este tema, como é comum quando o mesmo se caracteriza como tabu?

Como vimos, existe a necessidade de uma formação específica para os educadores em relação ao tema Morte. Entretanto, a educação religiosa é diferente do ensino secular, apresentando características diferentes. Em um primeiro momento apresenta-se o contraste da formação religiosa tradicional, que diz:

[...] o que forma um teólogo é a correta prática da espiritualidade evangélica na igreja, a prática da *vita passiva*, a dimensão receptiva da fé. Em teologia, assim como na vida, não temos nada que não tenhamos recebido e continuamente recebemos [1 Co 4.7]. (KLEINIG, 2002, p. 6).

Ora, é pela experiência espiritual que o religioso adquire sua formação a partir desta perspectiva. A formação religiosa sofreu uma importante mudança na Reforma Protestante (século XVI). Ela passa de uma formação com ênfase na contemplação monástica dos passos: leitura da Palavra de Deus, meditação, oração e contemplação, que buscava a fuga da cidade dos homens (AGOSTINHO, 2002), considerada pecaminosa, para o modelo evangélico dos passos: oração, meditação e tentação, que passa a valorizar a experiência do cotidiano como sacra.

Em contraste com este método [agostiniano] um tanto quanto manipulável, Lutero propôs um modelo evangélico de espiritualidade em termos de recepção, e não de autopromoção. Isto inclui três coisas: oração (*oratio*), meditação (*meditatio*), e tentação (*tentatio*). Estas três giram em torno de uma contínua e cuidadosa atenção à palavra de Deus. A ordem da lista é significativa, pois, ao contrário do modelo tradicional de devoção, esta forma de estudar teologia começa e termina aqui na terra. Os três termos descrevem a vida de fé como um ciclo que começa com oração pelo dom do Espírito Santo, concentra-se na recepção do Espírito Santo mediante a meditação da palavra de Deus, e redonda em ataque espiritual. Isto, por sua vez, leva a pessoa a mais oração e meditação mais intensa. Logo, Lutero não encarava a vida espiritual de forma ativa como um processo de autodesenvolvimento, mas em termos passivos como um processo de recepção da parte do Deus trino. Nele, pessoas auto-suficientes aprendem a ser mendigos na presença de Deus. (KLEINIG, 2002, p. 8).

Embora na educação religiosa tenha acontecido essa transformação, mesmo assim é contrastante com a prática pedagógica, que também é diferenciada de uma prática puramente educativa.

A religião, embora tenha acompanhado o percurso histórico da educação escolar, sobretudo na Idade Moderna, esteve fora desse jogo racional e pedagógico, concretizado na pesquisa e no ensino desenvolvidos nas academias e reproduzidos nas escolas. (PASSOS, 2006, p. 25).

Assim, a educação religiosa segue seus próprios princípios, que são ditados pela tradição cristã e pela interpretação da Bíblia. A prática educativa religiosa, portanto, se restringe ao âmbito espiritual, já a Prática pedagógica, que surge com a modernidade científica, inclui outros ingredientes.

A prática pedagógica é diferente da práxis educativa, é uma ação científica sobre a práxis educativa, pois objetiva compreender melhor esta prática de educação, explicitando-a para os sujeitos, transformando-a e dando-lhe suporte teórico; teorizar, desvelando os sentidos não evidentes. Devido a sua abrangência, o fazer pedagógico é inevitavelmente um fazer investigativo. Quando superamos a concepção de prática como tecnologia

da prática e adentramos na dialética da práxis, não há outro caminho. (FERREIRA, 2008, p. 181)

Assim, educar diante de nosso atual contexto globalizado e de sua fugaz situação informativa e cultural tem se mostrado um desafio pedagógico cada vez maior e mais complexo. São tantos assuntos necessários que o docente se vê limitado tanto pelo tempo disponível para sua atuação quanto por esse mesmo tempo para sua preparação e avaliação.

A prática educativa vem se distanciando do modo tradicional com o surgimento da necessidade de uma visão de conjunto e de uma educação de cunho reflexivo. Mas, também houve um distanciamento de referências, como a função social do ensino e a complexidade do como se aprende. Alguns autores sugerem a mutirreferencialidade para suprir as necessidades pedagógicas para nossa época que eles chamam de pós-moderna. (POURTOIS; DESMET, 1999; MACEDO, 2000)

A ação inicia a reflexão. Com essa premissa Zabala (1998, p. 15) aponta um dos possíveis caminhos para a prática educativa se aperfeiçoar. Após décadas de ensino bancário (FREIRE, 1996), onde o docente possuía a “verdade final” do conhecimento e o aluno realizava a etimologia própria de sua nomenclatura, ou seja, aluno que significa “sem luz”, vivemos um tempo em que a busca constante pela melhora das práticas educativas está cada vez mais presente. Ora, o objeto da Ciência da Educação (Pedagogia) é a própria educação em todas as suas nuances; e esta é dialética em relação à sociedade e suas variáveis, entre elas a religião e sua forma específica de ensino.

Segundo Zabala (1998), a prática educativa deveria colocar em relação, reflexivamente, o planejamento, a aplicação do plano e a avaliação. O cuidadoso planejamento da sequência das atividades educativas é que fará a intervenção pedagógica ter efeito positivo sobre o ensino-aprendizagem necessário para a boa formação do aprendente. Ora, planeja-se a partir de que? A partir dos objetivos definidos socialmente para aquele nível de ensino; replaneja-se a partir da avaliação dos resultados obtidos com a ação no processo de ensino junto aos alunos. Neste sentido nos aproximamos da prática pedagógica que visa não somente a aula, mas à perspectiva social da educação.

Podemos exercitar a suspensão do juízo puramente prático, para, como que saindo do trem em movimento e olhando-o de fora, termos a noção de sua velocidade, direção e finalidade. Assim, planejar é uma tarefa que é fundamental a partir dos próprios objetivos

avaliativos. A partir dessa relação é que se estruturam as atividades, tanto em sua qualidade quanto na quantidade e ordem. Uma prática pedagógica tange a subjetividade do social, por isso usamos a suspensão do juízo - *epoché* fenomenológica, que nada mais é do que deixar de lado o racional, os julgamentos e os pré-conceitos. (STEGMÜLLER, 1977, p.74)

Para que a prática pedagógica ocorra de modo efetivo é necessário que os docentes, principalmente, tenham um conhecimento prévio do currículo prescrito para o curso em que se desenvolve a prática educativa. Além desse conhecimento, a possibilidade de flexibilizar os conteúdos propostos inserindo outros temas surgidos de sua própria *práxis*, dentro e fora da docência, captados pelo contexto vivencial no qual cada um se desenvolve e se relaciona. E também temáticas apontadas em reuniões de professores, debates e pesquisas acadêmicas e da própria percepção das discussões em sala de aula com os alunos e suas preocupações do dia a dia. (ZABALA, 1998; FERREIRA, 2008)

Essa reflexividade leva a responder à função social do ensino. Afinal, para que educar? Para que ensinar? O ensino superior visa principalmente à formação de profissionais multiplicadores de opinião para que a sociedade tenha não só bases epistemológicas, mas, também práticas para a solução de problemas e propostas de novos avanços em prol da comunidade humana.

Se é verdade que os sujeitos da aula: professores e estudantes, com suas historicidades e subjetividades, imersos na sociedade capitalista, aprendem mediante uma falta, o que gera o desejo de aprender, aprendendo se tornam cada vez mais imersos no social, no cultural. (FERREIRA, 2008, p. 182)

Existe o aspecto da formação profissional do aprendente. A sociedade espera uma pessoa capaz de atender suas necessidades com destreza e humanidade. Mas, ao mesmo tempo em que se educa para uma determinada função social que atende a demanda específica, também se educa a pessoa que irá atuar como ferramenta de uso comunitário. Há uma dialética neste tipo de ensino: ensina-se para a profissão e educa-se para a vida.

A proposta da modernidade expressada pelo trabalhismo de que o ser humano deveria aplicar-se ao trabalho como uma máquina, deixando em casa suas emoções e problemas pessoais, já não atende as necessidades do mundo atual, principalmente em virtude da demanda de aprendizagem permanente requerida pela chamada globalização.

(OLIVEIRA, et. al., 2002, p.83), bem como nos avanços da psicologia que apontam para a estreita relação entre cognição, aprendizagem e emoção.

Impressiona verificar que em nossa prática educativa ainda há resquícios de base daquele tipo de estrutura. Nossos currículos ainda possuem disciplinas estanques, que não se comunicam interdisciplinarmente, apesar de estarem num mesmo projeto. Ora, o tom é dado pelo aprender a aprender incentivado pelas lógicas do mercado contemporâneo, assim como vemos:

Na medida em que se fundamente em teorias psicológicas do conhecimento e da aprendizagem que reproduzem os elementos valorativos presentes no universo ideológico contemporâneo, a educação escolar reproduz, de ponta a ponta, da seleção dos seus conteúdos aos métodos de ensino, a lógica e os interesses do sistema capitalista de produção, perdendo, então, sua própria especificidade como mediação social fundamental na reprodução tanto dos indivíduos como do gênero humano. (ROSSLER, 2007, p. 110).

O docente, em muitos casos, age como um transmissor de conteúdos desligados de suas próprias convicções e práticas. A instituição prevalece com a aplicação de um currículo mínimo para o atendimento das questões formais propostas pelo governo e pelo mercado, sem levar em consideração as diferenças e necessidades culturais específicas da região em que o ensino-aprendizagem está se realizando. São informações definidas, selecionadas e pré-organizadas como um sistema de computador. Essa visão computacional trata o ser humano como um computador a ser programado para realizar certas tarefas de forma específica e perfeita, por que não dizer ideológicas. (ROSSLER, 2007). Os significados já vêm prontos e nem sempre é permitido fazer alterações. Afinal, como a mente humana funciona?

Bruner contrapõe a visão computacionalista à visão culturalista, na qual a produção de significado se dá a partir da diversidade cultural utilizando-se da hermenêutica para tal atividade. Ora, a tarefa do culturalismo é dupla:

Do ponto de vista “macro”, ele olha para a cultura como um sistema de valores, de direitos, de trocas, de obrigações, de oportunidades de poder. Do ponto de vista “micro”, ele examina como as demandas de um sistema cultural afetam aqueles que devem operar dentro dele. Neste espírito, ele se concentra na forma como os seres humanos individuais constroem realidades e significados que os adaptam ao sistema, a que custos pessoais e com que resultados esperados. (BRUNER, 2001, p. 23).

Assim, não há como separar na prática pedagógica quem ensina, o que é ensinado e para quem é ensinado, nem suas interrelações que naturalmente moldam os rumos da aula. Os conteúdos, as experiências dos alunos e do professor, suas singularidades e essa riqueza não deve ser menosprezada quando o processo de planejamento estiver em ação nem quando as próprias aulas estiverem acontecendo. Por isso:

É preciso insistir que tudo quanto fazemos em aula, por menos que seja, incide em maior ou menor grau na formação de nossos alunos. A maneira de organizar a aula, o tipo de incentivos, as expectativas que depositamos, os materiais que utilizamos, cada uma destas decisões veicula determinadas experiências educativas, e é possível que nem sempre estejam em consonância com o pensamento que temos a respeito do sentido e do papel que hoje em dia tem a educação. (ZABALA, 1998, p. 29).

A prática pedagógica também passa, além dessas relações intersubjetivas, pela escolha dos conteúdos. Como dissemos antes, diante da reflexão para o planejamento, temos em tela a função social da educação como ponto de avaliação de nossa prática educativa. Apontando o desenvolvimento da habilidade de planejar os conteúdos para que a aprendizagem se estabeleça de maneira integral é necessário ter em mente a sigla CHA = conteúdos, habilidade e atitudes. (ZABALA, 1998, p. 30)

O QUE SE DEVE SABER é apresentado através dos conteúdos conceituais, que são termos abstratos, referindo-se a fatos, objetos ou símbolos que tem características comuns. Exemplo disso é o conceito de justiça em Platão (REALE, 1993), ou de superego em Freud (LAPLANCHE, 2001), mas de nada valem para o aluno se não se compreendeu seu significado e, portanto, se não souber utilizá-los para interpretação, compreensão ou exposição de um fenômeno qualquer. A justiça de Platão serve, por exemplo, para justificar a educação a partir de preferências pessoais que corroboram com a comunidade toda; assim como o superego em Freud diz respeito às sanções inconscientes impostas pela sociedade de uma maneira geral.

O QUE SE DEVE SABER FAZER diz respeito aos conteúdos procedimentais, à habilidade que se tem a partir de conteúdos conceituais adquiridos, por exemplo, pela educação formal. Inclui técnicas, métodos, estratégias, ou seja, é um conjunto de ações ordenadas e com um fim. Por exemplo: leituras, desenhos, observações, cálculos, inferências etc. Zabala (1998, p.44) segue apresentando uma matização da aprendizagem de um procedimento:

- A realização das ações que formam os procedimentos é uma condição *sine qua non* para a aprendizagem. Como se aprende a realizar ações? Fazendo-as.
- A exercitação múltipla é o elemento imprescindível para o domínio competente.
- A reflexão sobre a própria atividade permite que se tome consciência da atuação. Assim, é preciso ter um conhecimento significativo dos conteúdos associados ao conteúdo procedimental que se exercita ou se aplica.
- A aplicação em contextos diferenciados se baseia no fato de que aquilo que aprendemos será mais útil na medida em qual podemos utilizá-lo em situações nem sempre previsíveis.

Afinal, COMO SE DEVE SER? Após os conceitos, habilidades, agora temos em mente a questão dos conteúdos atitudinais. Eles englobam conteúdos que agrupam valores, atitudes e normas que são interiorizados a partir das vivências e influências que recebemos através não só do processo educativo formal, mas também de toda nossa vida de produção de significados diante da cultura na qual estamos inseridos.

Supõe um conhecimento e uma reflexão sobre os possíveis modelos, uma análise e uma avaliação das normas, uma apropriação e elaboração do conteúdo, que implica a análise dos fatores positivos e negativos, uma tomada de posição, um envolvimento afetivo e uma revisão e avaliação da própria atuação. (ZABALA, 1998, p. 48).

Enfim, o CHA, é o planejamento que visa a uma prática educativa reflexiva, voltada para a função social e o conhecimento de como se aprende, levando o aprendente a ser avaliado de modo processual e ser tomado por uma conscientização dos objetivos da aprendizagem. Já do ponto de vista do docente, há o envolvimento integral na busca de uma prática educativa que se inter-relacione com a cultura e suas propostas e necessidades. Ou seja, sendo a educação sempre um instrumento político, é carregada de conteúdos ideológicos expressos tanto pelos currículos institucionalizados, quanto pela própria formação deficitária dos docentes, assim como uma visão de escolarização que ainda vem sendo estudada e cautelosamente afugentada de visões generalistas ou reducionistas de ser a salvadora da educação como processo único.

Assim, a partir deste referencial teórico com o qual analisamos os dados, descrevem-se, na próxima seção, os procedimentos metodológicos de coleta de dados, de análise que foram utilizados nesta pesquisa e, finalmente, apresentamos a sistematização dos resultados.



## 2 REFERENCIAL METODOLÓGICO

O presente estudo ocorreu dentro da abordagem qualitativa / interpretativa, por se tratar da busca dos significados da questão da morte na instituição.

A pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida. As expressões-chave para essa pluralização são a nova obscuridade, a crescente individualização das formas de vida e dos padrões biográficos e a dissolução de velhas desigualdades sociais dentro da nova diversidade de ambientes, subculturas, estilos de vida. [...] A análise dos significados subjetivos da experiência e da prática cotidiana mostra-se tão essencial quanto à contemplação das narrativas e dos discursos. (FLICK, 2009, p. 20-21).

Fizemos um estudo de caso seguindo a indicação da epistemologia da pesquisa qualitativa: a busca de significado. Ora, já que o termo *Caso* é bem amplo, sendo possível adotar como tema de análise desde pessoas, comunidades etc. (FLICK, 2009, p. 190), optamos por aplicá-lo a uma Instituição de Ensino Superior que forma teólogos.

A instituição em estudo é o Instituto Metodista da Amazônia (IMAM) com sede em Porto Velho - Rondônia, onde estavam sendo atendidos cerca de 50 discentes do curso de Bacharel em Teologia no momento da pesquisa e contava com onze docentes, sendo que sete destes possuem ministério pastoral em igrejas locais. Foram selecionados seis docentes sob os critérios de estar exercendo a prática pastoral e contar com um mínimo de cinco anos de experiência neste quesito, ou seja, para participar da pesquisa buscamos o perfil do professor que também é atuante na prática pastoral.

Os dados foram produzidos através de Entrevista Centrada no Problema que trata, principalmente, de biografias profissionais.

Essa entrevista é caracterizada por três critérios centrais: centralização no problema (ou seja, a orientação do pesquisador para um problema social relevante); orientação ao objeto (isto é, que os métodos sejam desenvolvidos ou modificados com respeito a um objeto de pesquisa); e, por fim, orientação ao processo no projeto de pesquisa e no entendimento do objeto de pesquisa. (FLICK, 2009, p. 154).

As entrevistas se deram em clima de diálogo informal com três duplas de formadores em uma sala da própria faculdade, devido a dificuldade de agendamento com os professores/pastores, tendo sido explicado inicialmente o objetivo da pesquisa e

solicitado a autorização dos mesmos para gravar as falas, tanto em vídeo quanto em áudio, que ocorreram em torno das questões norteadoras contidas em um guia de entrevista, como sugere Flick (2009, 154). Eis o guia de entrevista utilizado:

“A TANATOLOGIA (Estudo da Morte) é uma área de estudos que vem destacando a necessidade de se introduzir a questão da morte (real e simbólica) em instituições de ensino e de saúde. A morte real se refere àquela que ocorre no fim da vida, mas entende-se que ao longo da vida, sofremos inúmeras perdas que causam dor e sofrimento, às quais chamamos de morte simbólica. Nosso curso forma profissionais que geralmente atuam na prática pastoral.

1. Gostaria que você falasse qual o significado da morte para você. Comente sua opinião.
2. Você teve qual tipo de formação em relação a essa temática?
3. Como você discute sobre esse tema com seus alunos?”.

A necessidade de tempo e agenda dos professores nos forçou a marcar entrevistas em duplas. Em um primeiro momento, houve preocupação em relação ao bom andamento desse tipo de arranjo, entretanto, após a primeira entrevista, vimos que se estabeleceu uma boa integração e até debate entre os entrevistados, que se apresentaram estimulados uns pelos outros para melhorar suas posições acerca do tema. Em alguns momentos, se mostravam surpreendidos com as experiências do outro colega, e também pudemos notar certo alívio e oportunidade em poder falar de um tema que normalmente não podem conversar de modo tranquilo e aberto. Essa forma de organização atende a uma preocupação quanto à limitação do método de entrevista focada no problema, quando, além de utilizar o guia de entrevista para evitar desvios, também utiliza a discussão em grupo e a narrativa em conjunto (FLICK, 2009).

A aplicação das entrevistas gerou narrativas conjuntas tendo em vista que puderam relatar suas histórias e atividades a partir do local de trabalho, transformando em questão analítica o curso evolutivo narrado além de dinamizar as diversas opiniões deles mesmos (FLICK, 2009, 189). Essas entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo e, posteriormente foram transcritas, enviadas por e-mail para os professores, a fim de serem revisadas e autorizadas. O conteúdo do texto transcrito foi analisado segundo as categorias que se relacionam com o tema e com vários subtemas da bibliografia revisada: concepções de morte, relação com as práticas pastorais e educativas, bem como reflexões e sugestões para o aperfeiçoamento do currículo e das práticas.

O clima de informalidade foi uma de nossas preocupações para que um tema, até então delicado e velado, pudesse ser tratado de forma tranquila e aberta. Não sabíamos como seria a reação de nossos entrevistados, por isso deixamos a possibilidade de acompanhamento posterior pelo SPA (Serviço de Psicologia Aplicada – Clínica de Psicologia da UNIR), mesmo tendo selecionado candidatos experientes em suas funções.

O eixo central para a construção das categorias foi a percepção que os entrevistados possuíam acerca da morte; de nossa pesquisa teórica veio a outra base, ou seja, a preocupação de uma educação para a morte (KOVÁCS, 2003a, 2003b; RIMPOCHÉ, 2004). Em nossa pesquisa, interessa saber como esse profissional lida com a temática, por isso começamos com a pergunta que leva à uma reflexão nem sempre feita: qual o significado da morte? Quando apresentamos esta pergunta, mesmo após breve explanação sobre a temática de forma a introduzir o tema por causa da baixa frequência do assunto em pauta, vimos expressões de certa surpresa e novidade. Surpresa, talvez, por ser um tema tão presente no dia-a-dia, mas do mesmo modo tão ausente nos debates; novidade porque a pesquisa se mostrou inovadora, quase inusitada. Ora, a informalidade permitiu que durante a entrevista houvesse diálogo tanto entre os entrevistados quanto com o entrevistador, logo, os entrevistados parabenizaram pela escolha do tema e também pela oportunidade de poder falar sobre ele.

O tema central – a Morte – desencadeou muitas outras categorias, tendo em vista que é próprio da Teologia tratar o ser humano como um todo, em todas as suas atividades, e não só do ponto de vista espiritual, mas tendo como centro a espiritualidade da pessoa. No caso em tela, a espiritualidade é a cristã protestante, que segue os preceitos bíblicos tanto do Antigo Testamento como do Novo Testamento. Assim, todos os entrevistados sentiram-se a vontade para discursar sobre suas preocupações relativas ao tema, mas sempre contrapondo suas perspectivas às interpretações bíblicas do assunto. Com isso, surpreendiam-se com sua familiaridade em relação à temática da morte.

À preocupação de situar metodologicamente a categoria central – significado atribuído à morte – liga-se a noção de psicologia culturalista que defende que “é a cultura, e não a biologia, que molda a vida e a mente humanas, que dá significado à ação, situando seus estados intencionais subjacentes em um sistema interpretativo”. (BRUNER, 2002, p. 40) Ora, a teologia é, em suas diversas vertentes, um grande sistema interpretativo que proporciona às várias denominações eclesiais bases de significação para as temáticas

que vão da vida à morte, pressupondo a soberania do Deus Cristão criador de tudo. (BRAATEN; JENSON, 1990). Deste ponto de vista, a morte, mesmo a concreta, fica refém da construção simbólica que lhe é atribuída culturalmente, daí a importância de ouvir diretamente dos atores atuantes tanto na área da docência quanto na pastoral acerca de suas concepções sobre a temática.

O desdobramento do eixo central foi apresentado como a preocupação em relação à formação teológica dos futuros pastores. O debate sobre a educação foi proposto de maneira que cada um relembresse como foi a sua própria formação em teologia, para somente depois apontarem como está sendo e como deveria ser o egresso do curso de teologia do IMAM com relação ao tema central.

Essas duas categorias principais, a morte e a educação para a morte, além de desencadearem narrativas conjuntas também obedeceram às expectativas canônicas estabelecidas tendo em vista que os professores são também pastores de igrejas protestantes. A busca pelo significado que é atribuído pelos entrevistados à morte segue essa produção de significado através de suas histórias narradas intencionalmente. Afinal,

[...] a função de uma história é encontrar um estado intencional que atenua ou pelo menos torne compreensível um afastamento de um padrão cultural canônico. [...] A história, além disso, será quase invariavelmente um relato de um mundo possível, no qual se faz com que a exceção encontrada de algum modo faça sentido. (BRUNER, 2002, p. 50)

Assim que terminamos todas as entrevistas demos continuidade ao processo de documentação dos dados, que envolveu três etapas: “A gravação dos dados, a edição dos dados (transcrição) e a construção de uma ‘nova’ realidade no texto produzido e por meio dele.” (FLICK, 2009, p. 265).

Sobre a gravação convém descrever em mais detalhes como foi feita. Por causa da dificuldade de horários dos entrevistados, resolvemos marcar as entrevistas em duplas, conforme já citado devido disponibilidade de cada depoente. Também pela mesma causa, optamos, sempre com a anuência dos professores, em realizar as entrevistas em uma sala da própria faculdade. A primeira entrevista foi em uma sala de aula, próxima à secretaria; as outras foram na sala da coordenação, tendo em vista que não havia constrangimento e que éramos apenas três pessoas.

Optamos por gravar em áudio e vídeo, sendo que os equipamentos ficavam ligados o tempo todo, colocados em modo automático, em cima da mesa, de modo a não interferir nem incomodar no andamento da entrevista. Procuramos respeitar a ressalva de Flick (2009, p. 266), que indica que a presença de equipamentos eletrônicos deve ser discreta para que o ceticismo e possíveis restrições à naturalidade das entrevistas sejam minimizados.

Sobre a transcrição, limitamo-nos à exatidão exigida pela questão de pesquisa, transcrevendo enunciados, revezamentos, intervalos, finais de frase. Preservamos a anonimidade dos entrevistados, trocando seus nomes pela letra P, que tanto pode ser lida como Pastor ou como Professor, e acrescentamos números do um ao sete (P1, P2... etc.), respeitando a cronologia das entrevistas (FLICK, 2009, p. 271). Ainda sobre a transcrição, procuramos transcrever somente as falas, deixando a filmagem para possíveis dúvidas de situações em que as manifestações comportamentais exigissem verificação.

Após a transcrição, numeramos as linhas contando de cinco em cinco para facilitar a localização das categorias de análise. Em seguida nos preparamos para tornar o evento da construção do texto como uma nova realidade,

[...] essa substancialização da realidade na forma de texto é válida sob dois aspectos: como um processo que abre acesso a um campo, e como resultado desse processo, como uma reconstrução da realidade que foi transformada em textos. (FLICK, 2009, p. 273)

Por fim, passamos ao processo de codificação e interpretação dos dados coletados e transcritos, que é a parte essencial da pesquisa qualitativa. Flick indica a codificação teórica como procedimento para a análise dos dados que foram coletados para desenvolver, posteriormente, uma teoria; essa codificação pode ser aberta, axial ou seletiva. “A codificação é aqui entendida como representação das operações pelas quais os dados são fragmentados, conceitualizados e reinterpretados de novas maneiras” (FLICK, 2009, p. 277).

Conceitos e códigos devem surgir do próprio texto, sua categorização refere-se ao resumo desses conceitos em conceitos genéricos ou categorias; a visualização dessas categorias em rede permitirá vislumbrar a teoria almejada. Iniciamos pela codificação aberta (Apêndice 4), que permite o rastreamento de conceitos em termos de suas propriedades e dimensões, permitindo comparações e agrupamentos para formar

categorias. Essa codificação aberta foi realizada identificando, a partir das perguntas norteadoras, os conceitos de morte e educação para a morte, agrupando todas as entrevistas em três grandes blocos que nos permitiram visualizar a discussão e esclarecer a temática discutida.

Em um segundo passo, atendendo aos requisitos da Codificação axial, construímos um fluxograma para explorar as diversas ligações de conceitos que surgiram da análise na codificação aberta. A Codificação axial aprimorou e ajudou na diferenciação das categorias resultantes; permitiu também que selecionássemos aquelas mais promissoras e relevantes para a construção da análise final.

Por fim, realizamos a codificação seletiva, procurando elaborar uma história do caso em estudo de modo a oferecer um panorama geral descritivo da história e do caso. Nesta etapa, ressaltamos a categoria central e o fenômeno central da pesquisa que foram relacionados nas etapas anteriores visando à construção de teoria fundamentada a partir dos dados pesquisados.

### **3 CONSTRUINDO UMA TEORIA FUNDAMENTADA RELATIVA À EDUCAÇÃO PARA A MORTE NA FORMAÇÃO DE RELIGIOSOS**

Com o objetivo de atender à análise de codificação aberta, rastreamos, a seguir, conceitos, permitindo comparações e agrupamentos para formar categorias, a partir das perguntas norteadoras, os conceitos de morte e educação para a morte, agrupando todas as entrevistas em três grandes blocos que nos permitirão visualizar a discussão e esclarecer a temática discutida. Apresentaremos somente a parte inicial da análise nesta parte do texto, sendo que a análise completa está disponível no Apêndice 4.

#### **3.1 BLOCO 1- CODIFICAÇÃO ABERTA<sup>1</sup>**

Na etapa de análise a partir da codificação aberta as entrevistas foram numeradas por parágrafos e o nome dos entrevistados foram trocados pela letra P seguida de um número sequencial (P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7). A seguir, as entrevistas foram divididas e suas partes foram reagrupadas tendo como referencial as perguntas norteadoras:

Qual o sentido da morte para você? Como você ensina sobre o tema? Como você aprendeu sobre o tema?

##### **3.1.1 Sentido/significado da morte, qual o entendimento?**

*60 P1 essas coisas do pós-vida.. na nossa teologia, elas entram como segurança em Deus, mas não há uma preocupação em ficar construindo céus, como será, quando vem, de que jeito vai ser. Outras correntes teológicas vão ficar preocupadas em dizer: tem sete anos de tribulação, mil... não é essa a preocupação da Teologia Metodista. A Teologia Metodista tem outra abordagem, a morte é real, tá aí, ela é o maior desafio diante de nós e diante da vida, e isso faz a gente valorizar a vida. E o próprio Wesley no sermão 43 diz que... - que salvação é essa? - Ele pergunta, salvação do pós morte?... ele diz – não, é a salvação que começa agora. – Então assim, a constatação da morte, na teologia metodista e na minha identidade religiosa, é uma constatação pra valorizar a vida, não pra ficar especulando*

---

<sup>1</sup> Apenas um trecho, o restante encontra-se no Apêndice 4

*sobre o pós-morte. Isso o Wesley, um teólogo moderno, do tempo do iluminismo, ele já entra nessa preocupação mais convicto, não tá muito preocupado em ficar discutindo pós não... O pós é uma segurança decorrente da vida que eu tenho com Deus, a fé.*

Código: A Morte concreta é uma certeza real que valoriza a vida no agora

Código: A escatologia depende da vida de fé

*80 P2 Porque a religião, em grande medida, é uma explicação sobre a morte, ou melhor, sobre o destino do ser humano. Uma tentativa de se responder qual vai ser o fim último nosso. Será que é a sepultura ou existe algo mais?*

Código: A religião é uma tentativa de explicação escatológica (o pós-morte)

### 3.1.2 Como educa sobre o tema?

*150 P2 E o cristão, lá das primeiras sociedades cristãs, que a gente estuda aqui na teologia, nas história da teologia, na exegese. Esse cristão, ele tinha uma forma muito natural de lidar com a morte. Tanto que na época da perseguição, as celebrações eram feitas em catacumbas, fugindo do Império Romano. Então o ambiente que exala a morte, eles tinham a maior naturalidade de lidar com a morte. (Beth: celebrando) Celebrando e vivendo com aquele ambiente.*

Código: Morte domada com base histórico-bíblica

*210 P2 Então, eu penso assim, que a atuação pastoral é proporcionar momentos onde a pessoa, ela mesma precisa... não o nosso discurso superar a dor dela, mas ela com sua experiência, com seu falar, catarse, de estar falando, de estar contando. E nesse sentido o nosso discurso vai se aproximando da realidade. Se não o nosso discurso fica numa direção e de repente o que a comunidade espera de consolo, não comparece no contato com as pessoas.*

*255 P1 um acidente que levou o rapaz. Tum, levou. Ele tava, ao contrário, cheio de planos, cheio de vida, e um acidente o levou. Então nessas horas, eu paro, eu me aquieto. Nessas horas eu me aquieto e eu não ousa oferecer tantas respostas pro imutável. A única coisa que ousa dizer é: olha, eu também não entendo, mas eu tenho certeza que Deus é presente com a gente agora, nesse momento. Deus sofre com você. Ele partilha com você, tanto das tuas dores quanto das tuas alegrias.*

*380 P2 compro ai as palavras do prof. P1, tem momentos em que um abraço é o suficiente, então esse é um não discurso que também é um posicionamento diante da morte. É uma opção por não se construir, porque não se pode construir. Eu acho que isso a gente tem que dar por perceber pros alunos, porque eles não são obrigados dentro do fast food espiritual, ter a resposta rápida pra tudo, como o P1 colocou. Nem é obrigado a responder tudo, mas procurar pesquisar, ter opiniões.*



Código: que a morte (perda) deve ser superada pela própria pessoa, não apresenta explicações prontas para a situação.

Código: Não apresentar explicações prontas para a morte.

### 3.1.3 Como aprendeu sobre o tema?

*50 P1 eu estudei morte.. não propriamente a morte, mas como lidar com isso nas disciplinas de aconselhamento pastoral quando eu fazia teologia, psicologia aplicada a pratica pastoral.. também eu estudei. E quando a gente fala de teologia da salvação e escatologia. Escatologia fala um pouquinho e teologia da salvação que é a lida com a morte fala muito. Só que é no caso, da teologia que eu estudei, que é a teologia em São Paulo, que é base também desse currículo aqui de Porto Velho, é que a morte... ela vem como... (bem, eu acho que já estou entrando em outra pergunta...) mas eu acho que a morte ela vem aí não como a escatologia mesmo.*

Código: Aprendeu a como lidar teologicamente com o luto (aconselhamento pastoral e escatologia)

*225 P1 Essa forma de lidar com a morte.. eu não tenho isso muito definido, como se fosse alguma coisa já prontinha. Eu não tenho nenhum discurso pronto sobre isso, e nem uma reação existencial pronta sobre isso. E eu não me culpo por isso. E eu acho que tem que ser assim, em alguns momentos a gente tem que reconhecer, enquanto pastor, enquanto teólogo, que eu não tenho resposta pra tudo. Agora, dentre esse universo de dúvidas e questionamentos, eu tenho algumas certezas, algumas. E essas certezas eu tive, vendo e lidando com a morte de pessoas queridas.*

Código: Aprendeu de modo empírico (as teorias não bastam para certeza)

Dando sequência à codificação aberta, apresentaremos o agrupamento e aprimoramento dos códigos visando estabelecer relações entre as categorias Morte e educação para morte, atendendo ao que Flick (2009, p. 280) diz:

Strauss e Corbin resumem a codificação aberta da seguinte forma: os conceitos são blocos fundamentais da construção da teoria. A codificação aberta, no método da teoria fundamentada, é o processo analítico pelo qual os conceitos são identificados e desenvolvidos em termos de suas propriedades e dimensões. Os procedimentos analíticos básicos que permitem sua realização são: a realização de perguntas sobre os dados e a elaboração de comparações em relação a similaridades e diferenças entre cada incidente, evento e outras instâncias dos fenômenos. Eventos e incidentes são classificados para formar categorias.

Assim, seguem os códigos já agrupados pelas perguntas norteadoras e já em grupos de conceitos abrangentes, obedecendo à perspectiva dedutiva do método. Por fim, usamos as perguntas básicas (utilizamos seis questões que analisam o quê, quem, como, por quê e por meio de que) (FLICK, 2009, p. 280), que nos auxiliaram a desemaranhar ainda mais as dimensões e os conteúdos das categorias. Também agrupamos os códigos dentro de quadros e já apontamos preliminarmente algumas categorias, que depois serão apresentadas no organograma da codificação Axial permitindo a construção da codificação seletiva.

### **3.1.4 Sentido/significado da morte, qual o entendimento?**

#### **1) O quê – que fenômeno é mencionado?**

Morte concreta – biológica – fim (pessoal e dos outros) como passagem

Morte como pós-vida escatológica – continuidade espiritual – a morte como fim não existe – fundamento da fé cristã (significado central)

Morte simbólica – perdas ainda em vida

#### **2) Quem – que atores estão envolvidos?**

Pastores

Profissionais modernos: médicos, agentes de saúde e agentes funerários

O outro (alteridade)

Outras culturas (grega)

#### **3) Como – quais aspectos do fenômeno são ou não mencionados?**

Morte concreta (biológica) é uma certeza, ter consciência desse fenômeno valoriza a vida

Pós-morte como vida espiritual depende da fé cristã (escatologia)

Morte concreta é só do corpo biológico – é uma passagem, a vida continua de modo espiritual

Morte concreta e simbólica são processos ruins (dor emocional)

Morte é de responsabilidade do ser humano

Morte higienizada

Morte simbólica é diferente da morte concreta

Morte interdita (fuga e consolo para os que ficam)

Morte envolve emocionalmente quem participa do processo.

Proibido questionar o pós-morte, pois questiona a base da fé cristã

Morte negada a partir do pós-morte escatológico

Medo da dor física no processo de morrer

O Pós-morte espiritual é melhor que a vida biológica

#### **4) Por quê – quais os motivos que foram apresentados?**

Morte concreta é ruim porque destrói relacionamentos e é boa porque é uma passagem para a vida espiritual

Causa da morte é o pecado (desobediência a Deus – à moralidade cristã)

Não se pode questionar o pós-morte porque seria igual a questionar a fé e a existência de Deus

5) Para quê – com que intenção/objetivo?

A intenção da fé no pós-morte é a salvação escatológica (continuação da vida e prêmio – vida melhor e motivo da fé)

Escatologia como consequência de vida de fé e cumprimento das obrigações religiosas

Para o pastor a intenção de prestar serviços fúnebres e cumprir seu papel de auxiliar e confortador no luto das pessoas, exercendo compaixão pelo próximo

6) Por meio de quê – meios, táticas e estratégias para atingir-se o objetivo?

Vida de fé na religiosidade cristã

Trabalho pastoral que exerce compaixão pelo outro como ministério

A morte concreta recebe tratamento realístico e é passagem para condição melhor

A morte simbólica por meio da fé e auto ajuda

Quadro 1. Definição de categorias do entendimento sobre a morte.

<b>Códigos retirados da codificação aberta</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Categoria</b>
<p>A Morte concreta é uma certeza real que valoriza a vida no agora</p> <p>Morte concreta como punição pela lei</p> <p>A morte concreta tem seu lado ruim porque destrói relacionamentos (entre humanos)</p> <p>A morte concreta certa valoriza a vida.</p> <p>A morte concreta é uma passagem para a continuação da vida espiritual</p> <p>Morte como rompimento é um processo ruim, de dor (emocional)</p> <p>Morte concreta, tratamento realístico de consciência – interdição do tema;</p> <p>Morte concreta é a biológica – e a fase de separação causa dor, mas a vida continua de forma espiritual</p> <p>Morte concreta é aceita, mas interdita em suas consequências no dia a dia</p> <p>Medo da morrer concretamente com dor física.</p> <p>A morte concreta é apenas uma passagem para a continuação</p>	<p>Morte concreta, biológica é o fim</p> <p>Momento de responsabilidade moral</p> <p>Tema interdito</p> <p>Medo da dor física</p> <p>É ruim emocionalmente</p> <p>É passagem para a vida espiritual</p>	Morte concreta

<p>da vida espiritual</p> <p>Morte concreta significando passagem através da fé cristã para condição melhor</p>		
<p>A escatologia depende da vida de fé Religião é uma tentativa de explicação escatológica (o pós morte)</p> <p>Morte como tentativa de explicação escatológica (do pós vida )</p> <p>A morte é só do corpo, a vida é espiritual e não acaba (dualismo corpo “tempo e espaço” e alma)</p> <p>Morte do ponto de vista espiritual é passagem, já a moderna é fim passível de ser superada, vencida</p> <p>Escatologia como consequência de vida de fé e cumprimento das obrigações religiosas</p> <p>A morte (dos outros) é consolada a partir de uma escatologia dada, cristã, a partir de uma vida de fé.</p> <p>Escatologia que promete uma vida melhor a partir de uma fé específica (moral)</p> <p>Pós morte como fuga, consolo para os que ficam.</p> <p>Questionar o pós morte é vedado do ponto de vista da espiritualidade cristã, é igualado ao questionamento de Deus, porque questionar a Deus é questionar a existência do pós morte, equivale a questionar o fundamento da fé.</p> <p>Morte como negação ressignificada a partir da fé no pós-morte escatológico.</p> <p>A morte que continua na vida espiritual e a morte que é interdita.</p> <p>Curiosidade em relação ao pós morte (boa) baseada na fé cristã em relação à consciência da vida concreta (ruim).</p>	<p>A morte não existe é uma passagem para a continuação da vida espiritual</p> <p>A morte é só do corpo biológico</p> <p>Escatologia é a certeza através da fé cristã que existe outra vida após a passagem da morte</p> <p>Escatologia cristã desenvolve esperança consoladora para os que estão no processo de morrer e para os que ficam</p> <p>O pós morte é interdito por causa do fundamento da fé cristã ser Deus, que vive nas duas realidades.</p> <p>Existe curiosidade (com espírito moderno) em relação ao pós morte. (não aparece de modo explícito nas entrevistas)</p>	<p>Fé cristã como certeza de vida no pós-morte biológica (escatologia)</p>

Fé escatológica no pós morte como vida espiritual boa Outras culturas (filosofia grega) também entendem a morte como passagem para lugar melhor		
Morte simbólica como consequência da situação sócio-econômica de gênero Distinção entre morte concreta e mortes simbólicas Morte como rompimento é um processo ruim, de dor (emocional) Morte simbólica, encaminhamento de “auto-ajuda”.	Morte simbólica são as perdas ainda em vida  Morte simbólica convida à fé em virtude de ser essencialmente inexplicável, pois remete à morte concreta como fundamento teleológico	Morte simbólica como perdas em vida
Morte interdita, fuga através de troca de nomes A explicação da morte não é só por fatalidade sem responsabilidade humana. Pastor que assume parte do procedimento administrativo como parte de seu trabalho O fenômeno de higienização do processo de morte causado pelas preocupações dos profissionais modernos Trabalho pastoral que exerce compaixão pelo outro Trabalho pastoral passa por um envolvimento emocional específico (passível de <i>burnout</i> ) Trabalho pastoral numa tentativa de separação de envolvimento emocional. A causa da morte é o pecado.	Morte interdita, fuga generalizada do tema  Profissão pastoral contribui para a interdição do tema ao interferir no processo de luto, evitando preleções sobre o tema e desobrigando os familiares de cuidarem de todas as etapas do funeral em prol de uma blindagem emocional que se aproxima da noção de higienização;  Trabalho pastoral exige envolvimento emocional através da compaixão que, por falta de preparo, pode levá-lo à adoecer, o faz o profissional tornar o processo interdito como saída (coping)	Morte interdita como fuga do tema

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das entrevistas, 2012.

### 3.1.5 Como educa sobre o tema?

- 1) O quê – que fenômeno é mencionado?

Morte domada  
 Morte como perda  
 Aprendizagem a partir de conhecimentos empíricos (experiência do dia a dia)  
 Morte como justiça de Deus  
 Morte como tema interdito  
 Morte simbólica  
 Morte como algo natural

2) Quem – que atores estão envolvidos?  
 Pastor, o outro e Deus

3) Como – quais aspectos do fenômeno são ou não mencionados?  
 Morte domada com base histórico-bíblica  
 Conhecimento empírico  
 Morte como justiça de Deus entre o bem e o mal (moral)  
 A bíblia diz que a morte veio pelo pecado e que a vida é eterna  
 Morte interdita  
 A morte não é o fim, mas uma passagem para o mundo espiritual e isso é consolo  
 Morte simbólica como perdas  
 Morte como algo natural, mas ainda com visão teológica de que há a vida espiritual após, e que perdas geram sofrimento

4) Por quê – quais os motivos que foram apresentados?  
 Não apresenta explicações prontas para a morte, é mistério

5) Para quê – com que intenção/objetivo?

6) Por meio de quê – meios, táticas e estratégias para atingir-se o objetivo?  
 A partir da experiência - empírico  
 Perspectiva histórico-bíblica – exegese  
 Teologia sistemática - Escatologia  
 Antropologia teológica

Quadro 2. Definição de categorias de como educa sobre o tema da morte.

<b>Códigos retirados da codificação aberta</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Categoria</b>
Morte domada com base histórico-bíblica Que a morte (perda) deve ser superada pela própria pessoa, não apresenta explicações prontas para a situação. Morte como justiça de Deus entre o bem e o mal (moral) – teoria a partir da teologia sistemática Morte tendo a origem no pecado – antropologia teológica; Téol. Sistemática e escatologia. (o homem não	Consciência da morte – morte domada	Morte domada como consciência do processo de morrer

<p>nasceu para morte... a vida é espiritualmente eterna)</p> <p>Fundamentação bíblica: a morte veio pelo pecado, a vida espiritual é eterna</p> <p>A morte não é o fim, apenas uma passagem para a vida espiritual – e isso é fonte de consolo</p> <p>Morte simbólica como perdas de diversos tipos</p> <p>Morte como algo natural, mas ainda com visão teológica de que há a vida espiritual após, e que as perdas geram sofrimento.</p>		
<p>Não apresentar explicações prontas para a morte.</p> <p>Não apresentar respostas prontas à questão Morte.</p> <p>Conhecimento empírico do assunto morte Morte, tema interdito</p> <p>Conhecimento da morte com mais ênfase no empírico</p> <p>Morte interdita, vida como passagem</p>	<p>Educa a partir da experiência, reforçando a ideia de morte como tema interdito</p> <p>Não consciência da morte</p> <p>Respeito religioso ao mistério da morte</p> <p>Medo de ter que dar explicações plausíveis ao inexplicável</p>	<p>Morte interdita por ser mistério religioso</p>

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das entrevistas, 2012.

### 3.1.6 Como aprendeu sobre o tema?

#### 1) O quê – que fenômeno é mencionado?

Lida teologicamente com o luto

O dia a dia força a saída do interdito

Morte biológica e morte relacional (perda do relacionamento com Deus)

A percepção empírica ensinou sobre a morte simbólica

Através do culto fúnebre na disciplina de liturgia

#### 2) Quem – que atores estão envolvidos?

Igreja, cemitério

Teólogos

Família (que proporciona experiências sobre o assunto)

#### 3) Como – quais aspectos do fenômeno são ou não mencionados?

Aprendeu a lidar teologicamente com Luto a partir das disciplinas aconselhamento pastoral e escatologia

O dia a dia empírico força a saída do tema interdito

Viu teoricamente a partir da teologia sistemática e da exegese bíblica, mas ressalva a importância do empírico

Não era preocupação central do professor, mas o tema aparecia às vezes

Empírico com forte influência familiar e cultural

Disciplina de liturgia marcou pelo culto fúnebre

Disciplina de antropologia apresentou a diversidade do tema nas culturas

4) Por quê – quais os motivos que foram apresentados?

Falta de interesse pelo tema ser interdito (cunho psicológico)

5) Para quê – com que intenção/objetivo?

6) Por meio de quê – meios, táticas e estratégias para atingir-se o objetivo?

Disciplinas: Psicologia, Aconselhamento pastoral e escatologia, liturgia, antropologia

Meio empírico (dia a dia e interpretações dogmáticas de cunho denominacional, família)

Exegese bíblica

Quadro 3. Definição de categorias de como aprendeu sobre o tema da morte.

<b>Códigos retirados da codificação aberta</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Categoria</b>
<p>Aprendeu a como lidar teologicamente com o luto (aconselhamento pastoral e escatologia)</p> <p>Parte teórica na Teologia Sistemática e na área de exegese bíblica, mas ressalva a importância do empírico.</p> <p>Disciplina de psicologia e aconselhamento pastoral despertaram para o tema que foi complementado de modo empírico.</p> <p>Base teórica fundamentada na ciência bíblica da área de exegese (estudo histórico-crítico) versus propostas da teologia sistemática (interpretações dogmáticas de cunho denominacional) Morte biológica e morte relacional (a perda da relação Deus fez com que o ser humano vivesse através de seu próprio trabalho)</p> <p>Disciplina que trata da ordem litúrgica e procedimentos marcou pelo culto fúnebre;</p>	<p>Teologia sistemática: Escatologia</p> <p>Teologia prática: liturgia; psicologia; aconselhamento pastoral; antropologia teológica;</p> <p>Teologia bíblica: exegese</p>	Aprendizagem teórica



<p>Psicologia pastoral se aproximou do tema (pouco)</p> <p>Disciplina de antropologia apresentou o tema em relação às diversas culturas</p>		
<p>Aprendeu de modo empírico (as teorias não bastam para certeza)</p> <p>Valoriza o empírico, o dia a dia como a realidade que força a saída do tema do interdito.</p> <p>Aprendeu pelo empírico, situações do dia a dia</p> <p>Empírico, sem teorizações</p> <p>Aprendeu fazendo, de modo empírico. Empírico, histórico familiar.</p> <p>Empírico, condicionado pela cultura familiar.</p> <p>Morte simbólica aprendida pela percepção empírica.</p> <p>Percepção empírica de necessidades sociais É preferível velar na igreja ao invés de no cemitério</p> <p>As experiências familiares são a base para o entendimento da morte – empírico</p> <p>Empírico.</p>	<p>Detrimento das teorias de cunho científico em prol da experiência de fé</p> <p>As experiências devem ser orientadas pela fé/cultura cristã</p>	<p>Aprendizagem empírica que auxilia a interdição do tema</p>
<p>Aprendizagem de modo transversal, não era a preocupação central da ementa disciplina, ficando a critério do professor</p> <p>Dificuldade de encontrar base teórica na ciência bíblica e no texto bíblico</p> <p>Os teólogos (intérpretes da bíblia que fazem teologia sistemática) não satisfazem</p> <p>Justificou a falta de interesse por causa do tema ser interdito (cunho psicológico)</p>	<p>Não sabe, não ficou claro, não lembra</p>	<p>Morte como tema interdito provinda do conflito entre exigências do conhecimento moderno versus fé cristã.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das entrevistas, 2012.

### 3.2 BLOCO 2 - CODIFICAÇÃO AXIAL

Esta próxima etapa, a codificação axial, refere-se ao aprimoramento e à diferenciação das categorias resultantes da análise de codificação aberta feita anteriormente. O processo de análise tem por função esclarecer as relações entre um fenômeno, suas causas e consequências, seu contexto e as estratégias daqueles que estão envolvidos para estruturar os resultados intermediários em busca de uma categoria central e de um fenômeno central que permitirá vislumbrar a teoria fundamentada.

Na codificação axial, selecionam-se as categorias mais relevantes para a questão de pesquisa a partir dos códigos desenvolvidos e das notas de códigos relacionadas. Buscam-se, então, várias passagens diferentes no texto que evidenciem esses códigos relevantes a fim de elaborar a categoria axial com base nas questões anteriormente mencionadas. Para estruturar os resultados intermediários (meio-finalidade, causa-efeito, temporal ou local), elaboram-se relações entre as diferentes categorias axiais com a utilização de partes do paradigma da codificação já citado. FLICK, 2009, p. 282.

No Quadro 4 organizamos as categorias selecionadas na análise da codificação aberta de forma que pudéssemos dar uma sequência lógica a partir das próprias falas dos entrevistados. Logo, a morte concreta é o ponto de partida de toda elaboração conceitual, passando pelo contexto cristão em que os entrevistados vivenciam suas experiências; as simbolizações vêm logo após em contraste com a aprendizagem teórica que receberam e, por fim, a morte que estamos chamando neste trabalho de Interdita, tendo em vista que há uma fuga em relação ao tema.

Quadro 4. Relação entre as categorias.

	<b>Categorias: o que entende por morte</b>	<b>Categorias: como educa para a morte</b>	<b>Categorias: como aprendeu sobre a morte</b>
1	Morte concreta		Aprendizagem empírica que auxilia a interdição do tema
2	Fé cristã como certeza de vida no pós-morte biológica (escatologia)	Morte domada como consciência do processo de morrer	
3	Morte simbólica como perdas em vida		Aprendizagem teórica
4	Morte interdita como fuga do tema	Morte interdita por ser mistério religioso	Morte como tema interdito provinda do conflito entre exigências do conhecimento moderno versus fé cristã.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das entrevistas, 2012.

Na linha 1 vemos o fenômeno Morte acontecendo a partir da categoria morte concreta, que é o fim biológico da vida. Essa categoria se expande a partir da categoria da aprendizagem empírica, que privilegia a interdição do tema, assim, temos a relação causa-efeito entre a vivência do fenômeno e sua compreensão.

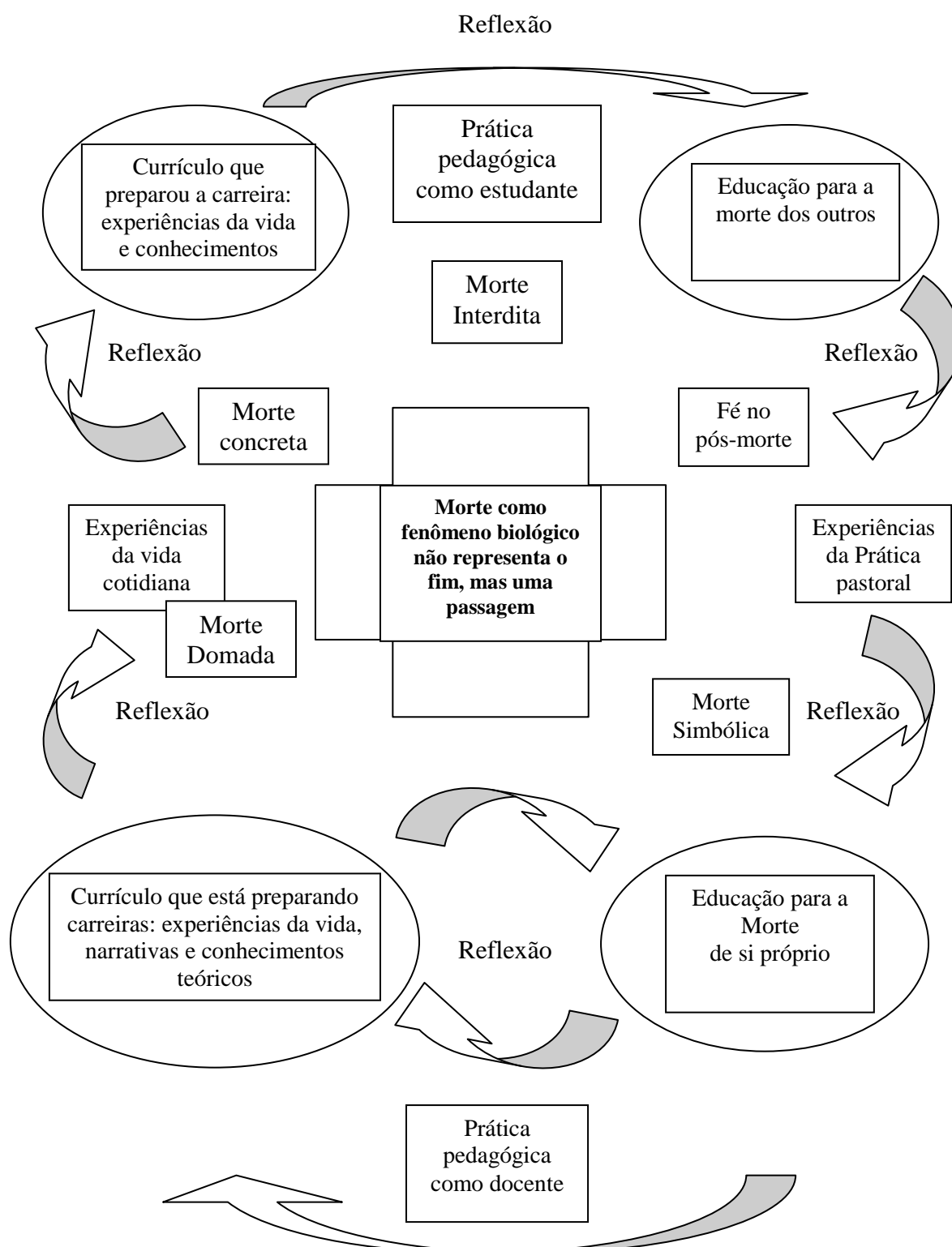
Já na linha 2, a categoria fé na vida após a morte tem função de ação-meio pois auxilia a conscientização da morte e do processo de morrer consciente, agindo como função fim tendo a categoria morte domada com um dos apontamentos do consolo proposto pela fé cristã ao fenômeno Morte.

Na sequência, a linha 3 apresenta a categoria morte simbólica para codificar as perdas que são entendidas ainda em vida através das teorizações propostas por cada linha de pensamento. Essa, por sua vez, acaba sendo uma atividade meio, tendo em vista que aos poucos prepara a pessoa para a consciência da morte concreta.

Por fim, a análise axial nos mostra que a atividade fim do processo demonstrado a partir das entrevistas é que há um conflito entre a tomada de consciência proposta pela fé cristã e o contexto atual em que a sociedade moderna se encontra, onde o conhecimento se pauta pelo método científico que exige provas das hipóteses levantadas, inclusive da hipótese de vida após a morte. A categoria de “morte como tema interdito” surge com muito efeito sobre o fenômeno Morte justamente porque a fé se encontra com a razão científica e atrapalha o processo fim de conscientização da morte pelo indivíduo que o vive. A morte passa a ser interdita como fuga e consolo ao mesmo tempo.

A codificação axial permitiu a construção do fluxograma representado na Figura 1, a partir do qual foi possível explorar as diversas relações de conceitos resultantes da análise na codificação aberta. A construção do fluxograma evidenciou a diferenciação das categorias resultantes e permitiu também que seleccionássemos aquelas mais promissoras e relevantes para a construção da análise final.

Figura 1. Codificação Axial com definição de categorias conceituais e suas relações.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir das entrevistas, 2012.

### 3.3 BLOCO 3- CODIFICAÇÃO SELETIVA

Após as outras duas codificações terem fornecido as categorias e direções para a construção da teoria fundamentada chega o terceiro momento da Codificação teórica (FLICK, 2009, p.277). A codificação seletiva pretende aperfeiçoar a análise dos dados descrevendo uma história do caso como panorama geral, sempre visando à categoria central e ao fenômeno central. “A análise e o desenvolvimento da teoria visam a descobrir padrões nos dados assim como as condições sob as quais estes se aplicam”. (FLICK, 2009, p. 282)

A categoria central que surgiu das análises anteriores foi a de que não existe morte como fim. Vejamos um trecho de uma das entrevistas: “115 P2 *eu tenho mais uma postura de pensar que a morte não é o fim*”. Esta postura apareceu em todas as entrevistas apontando o entendimento da morte como sendo algo passageiro, mas nunca como fim último.

Nosso estudo de caso se contextualiza diante de uma visão de mundo cristã pós reforma protestante e que ainda se encontra em constante debate com as novas perspectivas teológicas das assim chamadas teologias da libertação e da prosperidade. Integra-se a esta mistura a base epistemológica da modernidade, onde o método científico organiza as concepções de verdade.

O cristianismo é uma das religiões do livro, sendo seu livro a Bíblia. A interpretação deste livro é muito diversa e essa diversidade é uma das causas das dificuldades em se determinar uma explicação única para o fenômeno da morte aqui estudado.

O cristianismo primitivo é diferente do cristianismo expressado pela tradição cristã. Dessa tradição surge a igreja cristã: primeiro como Igreja Católica Apostólica Romana e, a partir do século XVI, surge a Igreja Reformada, que dá os rumos à todas as igrejas chamadas “evangélicas” de nosso atual século.

Nas teologias também surgem propostas diferentes de leitura da realidade: com base no marxismo, surge a teologia da libertação que faz uma crítica à economia capitalista que oprime os pobres, assim, os religiosos que optam por essa teologia fazem clara opção

pelos pobres; outro ramo da teologia surge dentro do mercado capitalista que exige lucros cada vez maiores e competência acima de tudo. Regras mercadológicas de consumo são trazidas para dentro deste ramo da cristandade e a teologia da prosperidade aparece como resposta à aparente falta de fé de alguns no poder infinito de Deus, inclusive sobre a morte.

Esse pano de fundo é emoldurado pela ciência moderna que a tudo conforma e que não permite explicações fora dos padrões metodologicamente aceitos pelos cientistas. Os currículos das escolas e universidades são regidos por essa concepção, salvo raras exceções. Logo, vivemos em uma sociedade que mesmo sendo essencialmente religiosa está inundada de repostas para o mesmo fenômeno, gerando uma sensação de instabilidade diante dos fatos mais simples: afinal, em quê confiar; com quem está a verdade?

Em nossa pesquisa, a morte aparece de diversas maneiras, inclusive como algo que desperta a curiosidade, conforme expressado pelo Pastor P2 no parágrafo 80: *“Porque a religião, em grande medida, é uma explicação sobre a morte, ou melhor, sobre o destino do ser humano. Uma tentativa de se responder qual vai ser o fim último nosso. Será que é a sepultura ou existe algo mais?”* A curiosidade aqui expressa aparece em várias outras partes de nossas entrevistas. Não aparenta ser falta de fé, ou contradição daqueles que participaram da pesquisa, mas, são, sim, expressão do atual momento vivido por todos nós que estamos estabelecidos nessa cultura plural.

Essa curiosidade nunca é em relação à morte física, concreta, a chamada morte biológica, porque desse tipo de morte não houve dúvidas entre os entrevistados: 105 P4 *“Acho só que a gente precisa acrescentar ‘que morte’, e toda vez que nós falamos de morte, falamos como o fim da vida biológica”*. Só que nossa análise se estende para a categoria central de morte como não fim, e este entrevistado acrescenta que essa morte concreta é apenas uma passagem: 80 P3 *“Então no cristianismo a morte não tem um sinônimo de fim, de aniquilamento, de extinção. Mas, a idéia que é um começo de uma nova realidade.”*

A categoria central aponta para o significado da morte para os entrevistados como sendo um término apenas do corpo biológico. Para estes professores teólogos está claro que existe outra vida e que a morte concreta é apenas uma passagem, mesmo que dolorida e cheia de sensações e sentimentos ruins. Entretanto, como a prática pastoral e a prática pedagógica se dão num contexto cultural de morte interdita, as experiências vividas em seu percurso de formação pessoal e profissional são marcadas pela interdição sobre este tema.

A prática pedagógica vivida enquanto estudante se relaciona com uma educação para a morte dos outros, apoiada nesta fé no pós-morte, como apontam as lembranças sobre poucas disciplinas do currículo do curso de formação pastoral, tais como as ligadas à liturgia de cultos fúnebres, psicologia aplicada e aconselhamento pastoral.

*145 P7: “Na minha formação, eu lembro, que a única vez que esse assunto foi abordado, foi em Homilética... em Homilética II, que a gente vai tratar de culto fúnebre. E também em psicologia pastoral... que eu lembro a gente tratou bem pouco, “an passant”. Na homilética, a gente tratou assim, mais um pouco, porque a gente tinha que fazer o culto fúnebre e tinha que dar assistência à família enlutada. São os ofícios. Ai eu lembro de algumas coisas que a gente viu. Fora isso não.”*

*155 P7: “Na minha formação, eu não lembro de ter feito nenhum trabalho sobre morte, e em aconselhamento pastoral foi falado muito pouco. E eu acho que na minha formação da morte, foi quando eu perdi a primeira pessoa que eu lembro, que eu estava já no seminário, foi minha avó, que era muito chegada, que eu passei acho que uma semana estudando sobre a vida após a morte. Embora eu fosse seminarista, me bateu um grande vazio. Eu não sabia nada sobre aquilo, e eu comecei a pensar: eu vou morrer e como é que é? E eu comecei, e a minha grande decepção é que eu não achei nada que me consolasse, entendeu, e eu vi o que os teólogos tinham escrito... mas nada do que eles falavam era palpável... Fiquei assim... conturbado com aquilo, com aquela experiência ali. Na verdade só depois... das coisas que eu tenha lido sobre a morte.. você tem muito pouco e pouca coisa com segurança. Porque a Bíblia fala pouco também, né, fala da ressurreição de Lázaro, que morreu e voltou, Jesus que morre e ressuscita, e Moisés.. então ela fala muito pouco sobre essa coisa da morte, ou da vida após a morte. Jesus conta ali numa parábola com o rico e Lázaro. Paulo falando da sua redenção, então a Bíblia mesmo não fala muito na outra vida, tanto é verdade que nessa hora a gente gostaria de saber mais... A teologia fala muito mais, falando que há uma vida depois, mas, como eu falei, na minha formação, eu vi muito pouco sobre isso, e a minha grande experiência foi aquela da perda da minha vó, e depois da perda do meu pai. Do meu pai foi diferente, eu passei a encarar a morte de forma diferente, não sei porque, eu acho que foi uma coisa muito psicológica, não teve uma lógica mesmo, eu não estudei, eu não descobri nada novo, eu apenas experimentei um conforto que eu ia encontrar meu pai. Talvez pelo fato de ele ter tido uma morte... assim... tranquila, embora foi do coração, os médicos dizem que cada enfarto que você tem é semelhante a um caminhão passar por cima do seu peito, e ele teve 5 antes de morrer, na sequência, mas o fato de ele na sexta feira ter se despedido de todo mundo, foi na Igreja e disse: ‘é a última vez que eu venho aqui’... E quando foi domingo ele teve a crise, foi pro hospital, ficou uma semana e morreu. Não sei, essas coisas todas me ajudaram a... meu pai encarava a morte com uma serenidade muito grande, e acabou que eu absorvi isso depois da morte dele.”*

Entretanto, esse conhecimento teórico ganha concretude quando se relaciona com as experiências pessoais e com a prática pastoral, quando se defronta com a dor própria ou dos familiares que vivem uma situação de morte real anunciada ou inesperada, do luto que se segue ou ainda, em casos de morte simbólica.

*255 P1 “[...] um acidente que levou o rapaz. Tum, levou. Ele tava, ao contrário, cheio de planos, cheio de vida, e um acidente o levou. Então nessas horas, eu paro, eu me aquieto. Nessas horas eu me aquieto e eu não ousa oferecer tantas respostas pro imutável. A única coisa que ousa dizer é: olha, eu também não entendo, mas eu tenho certeza que Deus é presente com a gente agora, nesse momento. Deus sofre com você. Ele partilha com você, tanto das tuas dores quanto das tuas alegrias.”.*

275 P2 “E a outra parte trágica da morte, também é essa pergunta: por que uma pessoa jovem, uma pessoa cheia de sonhos, uma pessoa com planos, porquê que tinha que terminar assim? Ai eu digo, teologicamente nós estamos sem resposta, mas ai nós temos que olhar também o aspecto social da morte. A morte está também envolvida com o âmbito social. Por que isso aconteceu? Quando a gente se descuida num momento desses, vem alguém e oferece um abraço e diz: ‘olha, Deus quis assim’. E esse discurso, para nós teólogos, esse discurso é muito barato. Por que nos tira também a responsabilidade. O rapaz morreu como? Morreu de moto. Por que? Porque alguém cortou a frente. Mas por que, onde ele estava dirigindo, como estava a situação desse trânsito, do trânsito de Porto Velho? Como vamos levantar isso diante de uma família enlutada. Vamos acabar criando mais revolta. E nós, como comunidade cristã, precisamos fazer essa reflexão. Ou como comunidade de acadêmicos, fazer essa reflexão. Eu me lembro da preocupação da lombada aqui na frente, também é uma preocupação que gira em torno dessa temática, do acidente, morte que está por trás.”.

A frase “Deus quis assim” não parece apropriada em muitas situações, como no caso da morte de um jovem por acidente de moto devido ao trânsito caótico que se instalou em Porto Velho recentemente, fazendo esta capital adquirir o triste recorde de “[...] capital brasileira com maior taxa de mortalidade por acidentes de trânsito por 100.000 habitantes. O índice de 37,8 é quase o triplo do registrado na cidade de São Paulo, que tem a maior frota do país.” (SALVO, 2011, p. 155). As causas são claramente sociais: enquanto a população da cidade cresceu 20% de 2001 a 2010, a frota de veículos cresceu 221% no mesmo período. Somado com a explosão descontrolada da frota estão ainda os fatos de sinalização insuficiente e condições precárias das vias urbanas e a imprudência dos motoristas.

Todo esse processo de formação, que liga as experiências pessoais com o conhecimento teórico voltado à “educação para a morte dos outros” e desemboca inevitavelmente na “educação para a morte de si próprio” se dá de forma não intencional por parte dos agentes escolares, uma vez que temos currículos nulos em relação a esta temática, ou no máximo, currículos ocultos. Com a interdição do tema, é graças à reflexão pessoal que ocorreu uma autoformação destes profissionais para enfrentar os conflitos entre experiências de fé com experiências pessoais e pastorais com a morte concreta ou simbólica, culminando no processo de individuação, do qual nos fala Jung. É muito provável que muitos fiquem se debatendo com conflitos cognitivos e emocionais por longo tempo até encontrar um ponto de equilíbrio relativo para lidar com os problemas complexos com que se defrontam na prática e muitos nem sequer o atinjam.

Sem dúvida, aqueles pastores que atingiram este ponto de equilíbrio e levam para sua prática pedagógica essa aprendizagem, podem auxiliar grandemente a formação de novos profissionais para lidar melhor com essa temática em sua vida profissional e pessoal.



Vimos que a pesquisa sobre a temática da morte despertou a reflexão nos professores entrevistados, assim como diz um deles:

115 P6 *“Eu confesso isso: é a primeira vez que eu acho que estou tendo uma conversa teológica sobre a morte. A gente conversa assim, por situações: ‘poxa, o fulano morreu’; ‘poxa, prá morrer basta estar vivo’... daquelas conversas, daquelas frases feitas que a gente já conhece. Mas, basicamente a sensação é de algo inevitável, inexorável, que tem o elemento da dor, e isso traz obviamente um receio... Quem de nós nunca pensou: ‘meu Deus, me livra de um câncer, me livra de morrer, ou de ficar vegetando numa cama’... que é uma morte, não é? É uma quase morte no sentido biológico, mas é uma morte psicológica. E aí entra o processo... a questão da eutanásia, a gente prefere absolutizar aquela morte relativa. Então [...] eu... nunca levei isso pra sala de aula, pelo menos, não que eu me lembre de forma sistemática.”.*

Do Pastor espera-se alguém quase divino, logo, ele não pode aparentar medo ou fraqueza, ambas as características que a morte impõe. O fato de não ter oportunidade de conversar mais profundamente sobre a morte expressa de modo bem claro o indício apresentado durante as análises de que a morte, para os entrevistados, é Interdita.

A fé cristã, em sua essência, é construída a partir da crença na morte e ressurreição do filho de Deus – Jesus Cristo. Este é o fundamento de toda a cristandade e ronda todo aporte cultural que influencia o mundo ocidental. No entanto, se o morrer é Cristo e viver é lucro, dito pelo apóstolo Paulo, é uma das saídas para o evento final da morte concreta, já não o é para as mortes simbólicas.

A morte simbólica é vivida tanto por quem está prestes a morrer concretamente quanto por quem está acompanhando o moribundo. Também é vivida em crises psicossociais cotidianas em todas as faixas etárias. Todos falam da morte, mas sempre de maneira rasa, e guardando certa distância da situação.

A Análise Axial proporcionou reunir as categorias surgidas nas entrevistas e centrar a construção da teoria fundamentada na ideia de Morte Interdita tendo em vista vários elementos sócio-históricos e que precisa ser enfrentada no processo de formação profissional dos pastores e de outros profissionais. A própria religiosidade cristã, influenciada pelos diversos contextos culturais pelos quais passou nos últimos dois mil anos, veio sofrendo alterações em sua compreensão do fenômeno. E hoje sofre com as novas interpretações teológicas que buscam atender aos ideais de consumismo e vida longa e saudável impostos pela medicina e mídia de nossa sociedade capitalista.

A morte é um tema Interdito para nossos entrevistados também em suas atividades como docentes. Seguem a base da formação evangelical proposta por Lutero, mas, ao mesmo tempo, sentem as pressões tecnicistas dos currículos impostos para uma formação pragmática de novos teólogos.

220 P2 *“Quanto mais nós avançamos tecnologicamente, eu acho que é mais desafiador o discurso cristão sobre a morte”.*

E por fim, a curiosidade solitária de quem tem que consolar outras pessoas, mas nem sempre estão isentos de crises em relação ao pós-morte.

225 P1 *“E eu acho que tem que ser assim, em alguns momentos a gente tem que reconhecer, enquanto pastor, enquanto teólogo, que eu não tenho resposta pra tudo”.*

Podemos concluir, finalmente, que esse processo formador aqui revelado deve ser levado em conta na elaboração de currículos mais adequados para a formação profissional de pastores e profissionais religiosos para lidar de forma mais adequada com um tema complexo e interdito.

Já existe conhecimento científico suficiente sobre o tema que justifique a inclusão de componentes curriculares específicos nos cursos de formação de pastores. Experiências desenvolvidas em vários países para romper com as contradições de nossa sociedade sobre o tema (morte interdita e ao mesmo tempo banalizada, escancarada) ajudam muitos profissionais a lidarem com a questão com mais profissionalismo, sem perder a sensibilidade necessária nem cair em situações de adoecimento e/ou *burnout*.

A experiência da Dra. Kübler Ross (1979, 1996, 1998, 1999, 2005) é um exemplo e um dos entrevistados narra uma destas experiências que podem servir de modelo para práticas de formação a serem incluídas nos currículos de cursos de formação de religiosos para lidarem com a questão da morte de forma mais adequada, ou seja, recuperar o sentido da Morte Domada:

165 P2 *“E nesse momento a teologia tem que cuidar pra não dar um discurso também vazio. Um discurso até mesmo que justifique essa forma de como a sociedade lida com a morte. E hoje, nessa corrente, pós moderna aí, o desafio é, nós ainda em comunidade, tratarmos a morte de uma forma natural, procurarmos tratar a morte de uma forma natural. Eu estive lendo uma reportagem sobre a igreja na Europa, e existe um grande movimento, tanto na medicina quanto na própria teologia, de que as pessoas também passem a ter novamente esse contato. Então pessoas, pacientes terminais, são levados pras*

*suas casas nos últimos dias. Existem também, quer dizer, como asilos, não é bem essa palavra, é um lugar em que as pessoas que são terminais, elas vão pra .. receber cuidados onde tem o contato com a família. Eu tenho uma colega pastora que ela atuou nisso. Ela então conta a história, ela acompanhava essas famílias. Ela era uma diácona, e ela tinha esse papel de levar sempre a notícia, e ela trabalhava numa dessas casas lá na Alemanha. E justamente ela falou sobre esse trabalho numa palestra, como as pessoas procuravam lidar com a morte de maneira natural. Então quando a pessoa entrava em óbito, os médicos deixavam ela alguns momentos no quarto, chamavam os familiares pra ver ela no quarto, se os familiares já não estivessem ali. Procurando resgatar de novo essa forma natural, que a teologia cristã tem de lidar com a morte, ou tinha né, pra lidar com a morte.”*

Outros pastores-formadores fazem referência à importância da vivência comunitária da morte e do papel que o pastor pode desempenhar nestes momentos, que são muito ilustrativos de como as narrativas podem contribuir na construção de currículos mais adequados, ao serem recuperados e refletidos coletivamente em sala de aula:

170 P4: *“Mas ela também é uma vivência comunitária de perda, pra gente, inclusive, enquanto líder, enquanto pastor. É um envolvimento emocional, espiritual, social, que passa desde a compra do caixão, ao cuidado médico, ao cuidado dessa família, à presença depois. [...] não é só alguém que vai ser tirado do rol, é alguém que sai da vida da gente.”.*

320 P1: *“E se eu tiver tomando conta do procedimento... [...] porque todo mundo te procura nessas horas..., você passa pra mim, deixa que eu cuide do funeral. O pastor, e a minha visão de ação pastoral, inclusive é essa: aconteceu algo com a comunidade, ele tem que chegar no ambiente, perceber quem mais ou menos está inteiro ali, chamar num canto e falar: ‘deixa que eu tomo as providências, me dá aqui... como é que vocês querem’..., conversa um pouquinho com a pessoa sobre isso, já toma conta e deixa a família só pra ir ao enterro. Naquele momento, chama a liderança da igreja para estar junto, passa a vigília junto, passa a noite junto, mas quem vai cuidar da parte administrativa, chata, é alguém da igreja, é o pastor da igreja que vai fazer essa coisa e depois estar lá, naquele momento com eles. E encorajá-los a isso, a viver o momento de perda, de deixar doer, e depois cultivar a saudade. Mas, uma saudade gostosa: ‘eu tive o privilegio de viver ao lado daquela pessoa, tanto tempo. Deus me deu essa graça’. Não: ‘Deus me levou a pessoa’, mas ‘Deus me deu a graça de viver ao lado de alguém que amei tanto, por tantos anos’...”.*

Outros ainda destacam um aspecto da comunidade cristã que auxilia neste trabalho de conforto e cuidado a ser dispensado aos familiares nesta hora, pois a experiência de fé fornece uma segurança de que a morte biológica não é o fim, mas uma passagem para uma realidade melhor do que a terrena:

90 P3: *“Vem até dessa perspectiva de convicção, convicção de uma nova realidade, de uma nova vida, de uma vida melhor, ausente dessa nossa realidade de sofrimento, de angustia, de dor. Mas, é uma outra realidade não corpórea, mas na presença de Deus.”.*

60 P1: “[...] essas coisas do pós vida.... na nossa teologia, elas entram como segurança em Deus, mas não há uma preocupação em ficar construindo céus, como será, quando vem, de que jeito vai ser. Outras correntes teológicas vão ficar preocupadas em dizer: tem sete anos de tribulação, mil... não é essa a preocupação da Teologia Metodista. A Teologia Metodista tem outra abordagem, a morte é real, tá aí, ela é o maior desafio diante de nós e diante da vida, e isso faz a gente valorizar a vida. E o próprio Wesley no sermão 43 diz que... ‘que salvação é essa?’ Ele pergunta, ‘salvação do pós morte?’... ele diz – ‘não, é a salvação que começa agora.’. Então assim, a constatação da morte, na teologia metodista e na minha identidade religiosa, é uma constatação pra valorizar a vida, não pra ficar especulando sobre o pós morte. Isso o Wesley, um teólogo moderno, do tempo do iluminismo, ele já entra nessa preocupação mais convicto, não tá muito preocupado em ficar discutindo pós não... O pós é uma segurança decorrente da vida que eu tenho com Deus, a fé.”.

Defendemos que as narrativas que ligam histórias de vida e conhecimentos teóricos, mediadas pela reflexão e por um currículo que inclua intencionalmente a questão da morte, como componente curricular, na forma de disciplinas (Tanatologia, por exemplo) ou projetos com este tema de forma interdisciplinar e transversalizada, são favorecedoras de tomadas de consciência e de aprendizagens ricas no processo de educação para a morte, como mostra o caso aqui estudado, rumo a tomadas de consciência e instrumentalização profissional mais humanas, que resgatem o conceito de morte domada para superar o atual estado de morte interdita.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente está que o tema não se esgotou, afinal, a dúvida permeou todo o processo. A Morte é uma grande dúvida para todo aquele que está vivo e tem consciência disso. Também não é um tema palatável. Durante todo o tempo de minha pesquisa pude conversar com várias pessoas sobre o assunto; a maioria delas não expressou vontade de aprofundá-lo. Desviavam o olhar, mudavam a posição do corpo e a entonação da voz.

Aproximar-me do tema fez com que uma área de minha percepção se afinasse com a pergunta fundamental da vida: afinal, quem somos? Ainda estou em fase de construção da resposta. Mas, já tenho menos dúvidas. O ser humano é um ser que duvida de si o tempo todo. Isso acontece justamente por não ser capaz de entender sua finitude, e nossa época contribui para isso com suas ideologias de perfeição e de infinito.

A questão da dúvida é posta como problema no início da modernidade pelo filósofo francês René Descartes, atribuindo ao ser humano a existência a partir do reconhecimento de si mesmo. Essa existência não duvida da vida, pois é pressuposto de toda argumentação para o pensar e saber-se conhecedor de si. Com isso, aponta a infinitude como princípio da vida humana, respaldando o raciocínio desvinculante entre vida e morte.

Separar o pensador do pensado é algo difícil em nossa época, ainda mais quando temos a fenomenologia como base de pensamento existencial. Enquanto no início da modernidade havia uma indicação de afastamento entre corpo e alma, no mundo contemporâneo há um falso distanciamento proposto pela ciência na forma de técnicas artificiais de prolongamento da vida.

Enquanto a religiosidade cristã medieval é afastada pelo racionalismo iluminista moderno, o ideal de vida passa a se fundamentar nas pesquisas biotecnológicas, propondo o debate entre fé e ciência. Após as duas grandes guerras mundiais, esse afastamento da fé começa a ser revisto e novas concepções de mundo são forjadas à luz de uma humanização afastada pelas máquinas criadas pelo sonho de imortalidade dos Homens. A morte renasce das cinzas da fogueira da razão, não foi possível detê-la.

Tudo começa com a morte. É a partir dela que tomamos consciência da vida, mas só por alguns instantes, ou dias... depois esquecemos outra vez. A morte concreta é um evento muito rápido e vivido objetivamente só por quem efetivamente morre, as outras pessoas participam subjetivamente. Ora, nossa época não é boa com assuntos subjetivos, preferimos a objetividade, fomos acostumados a gostar de coisas reais e palpáveis.

Se não entendemos muito bem, criamos símbolos para melhor entender, donde vem a chamada morte simbólica, perdas, luto etc. Disseram nas entrevistas que já nascemos perdendo. Perdemos a segurança do útero de nossa mãe, perdemos células todos os dias, perdemos a visão completa de todas as coisas que vemos ao mudar o olhar, perdemos a memória. Perdemos também coisas que atribuímos valor em diferentes níveis de intensidade. Elas vão desde objetos simples, como uma caneta, até bens mais caros, como automóveis. Também perdemos oportunidades, e o valor se torna diferente novamente, talvez agora com cunho mais psicológico, afetivo: uma oportunidade de emprego, de viagem, de namoro. E por fim, a morte simbólica também nos traz o medo de perder alguém que amamos. Talvez essa seja a mais terrível, porque esse alguém pode ser eu mesmo.

Ora, a morte interdita é a fuga de tudo isso. É a negação da morte em qualquer nível. Separamos-nos deste mundo, não somos os únicos, é verdade, pois todos vão morrer, mas mesmo sendo esta uma verdade muito patente, preferimos não atender ao seu clamor. É mais fácil se fazer de surdo. Tornamos a morte um evento trivial, mesmo sendo único e irrepetível para cada um de nós. Ela também não permite relações, pois acaba com todas as relações objetivas com o mundo, sendo solitária; ela não permite ser delegada a ninguém, é um trabalho que deveremos realizar. É um evento certo, mas indeterminado quanto ao quando e onde e em quais circunstâncias deverá ocorrer, e isto, sem dúvida, contribui e muito para sua interdição.

Concluir a meta da vida é chegar à morte de maneira completa, total, atingindo a individuação proposta por Jung. Um ser para a morte é a proposta de Heidegger quando nos chama à consciência para nossa finitude que deveria refletir numa valorização da vida. Aparentemente a vida perdeu seu fundamento moral e virtuoso proposto pelos antigos, seja o cristianismo primitivo, seja a voz de um Sócrates que vislumbrou o pós-morte como um benefício de qualquer modo: o nada ou uma recompensa.

Mas foi Jesus Cristo quem deixou o maior exemplo em relação à perspectiva escatológica: “vou preparar-vos lugar, na casa de meu Pai há muitas moradas...” e essas indicações fundamentam dois milênios de construção simbólica em relação à morte. Às reflexões pastorais se juntaram às preocupações da morte interdita. Em primeiro lugar, porque o pastor também é um ser humano, portanto mortal e sujeito a negar a morte da mesma forma e pelos mesmos motivos. Segundo porque lida com uma comunidade de pessoas que preferem e deixam claro que querem ouvir a cada semana sobre as vitórias da vida sobre a morte, e não o contrário. Mesmo na liturgia fúnebre, a prédica deve consolar a partir da tese de que a morte é apenas uma passagem, e que a pessoa que se foi, está sob os cuidados de Deus. Segue, então, o momento do consolo dos enlutados e o processo do círculo do luto até a aceitação da perda.

Sobre as mudanças curriculares foi consenso que uma disciplina como a Tanatologia ajudaria muito na formação dos novos teólogos. Pelo perfil espiritual que possui a área da teologia e também pelos critérios de multirreferencialidade atuais, vimos que um bom curso se dá pela prática pedagógica, que procura atender às necessidades sociais permitindo a dialética entre práxis e teoria. Neste caso específico, também acrescentar-se-ia uma espiritualidade cristã saudável, que prepare o indivíduo para a morte através de uma boa vida conforme ensinou o amor do mestre Jesus.

Enfim, a morte não precisa ser o fim, assim como o ser humano não precisa ser infinito. Morrer cedo não é bom, morrer mal não é bom, mas que hora é bom morrer? Qual a melhor forma de morrer? Como morrer bem? Viver infinitamente seria interessante? Há algo após a morte? Fora essas perguntas que, aparentemente não têm respostas simples, temos a vida como o presente vivido a cada dia. Nesse sentido, seria bom aprender a viver melhor, aprendendo que a finitude/morte faz parte desse processo. Afinal, estamos aqui de passagem: amadureçamos o espírito para o fim da viagem com olhos cheios d’água de tanto orgulho de ter vivido dignamente.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. Parte I. A Cidade de Deus Contra os Pagãos. Parte II Trad. Oscar Paes Lemes. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.
- ARIÉS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- ARIÉS, Philippe. **O homem diante da morte**. 2 volumes. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1981.
- BARBOSA, Luciane Muniz Ribeiro. **Igreja, Estado e Educação em Martinho Lutero: uma análise das origens do direito a educação**. Dissertação de Mestrado - USP. São Paulo, 2007.
- BECKER, Ernest. **A negação da Morte**. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.
- BERMEJO, J. C. **Estou de luto: reconhecer a dor para recuperar a esperança**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.
- BOTELHO, Ana Maria. **O espaço da morte e sua correlação com o sublime no cinema Contemporâneo**: ensaio psicoficcional na construção de um roteiro. Tese de Doutorado – UNICAMP. Campinas, 2008.
- BRAATEN, Carl & JENSON, W. (eds.) **Dogmática Cristã**. 2 volumes. São Leopoldo, Sinodal, 1995.
- BRÉHIER, Émile. **História da Filosofia**. 8 volumes. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- BRIGHT, John – **La Historia de Israel**. Bilbao: Desclee de Brouwer, 1970.
- BRUNER, Jerome. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.
- BRUNER, Jerome. **Realidade mental e mundos possíveis**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- CASSORLA, R. M. S. (Org.). **Da morte**: Estudos brasileiros. Campinas, SP: Papirus, 1991.
- CASSORLA, R. M.S. **O que é suicídio**. 4e. São Paulo: Brasiliense, 1992.



CHÂTELET, François. **História da Filosofia**: idéias, doutrinas. 8 volumes. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1973.

CHIAVENATO, J. J. **A morte: uma abordagem sociocultural**. São Paulo: Moderna, 1998.

COENEN, Lothar & BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. 2 volumes. São Paulo: Vida Nova, 2000.

D'ASSUMPÇÃO, E. A. (org.) **Biotanatologia e bioética**. São Paulo: Paulinas, 2005.

FERNANDES, Francene. **O Lidar com a Morte e a Educação Médica**. Dissertação de Mestrado, UFSM – RS, 2004.

FERREIRA, Liliana Soares. **Gestão do pedagógico**: de qual pedagógico se fala? In: *Currículo sem Fronteiras*, v.8, n.2, pp.176-189, Jul/Dez 2008.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONTENELLE, P. **Suicídio: o futuro interrompido – guia para sobreviventes**. São Paulo: Geração editorial, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JAFFÉ, A. **A visão de C.G. Jung sobre a morte**. In: JAFFÉ, A.; FREY-ROHN, L.; FRANZ, M-L von. *A Morte à luz da psicologia*. São Paulo: Cultrix, 1980.

JAFFÉ, A.; FREY-ROHN, L.; FRANZ, M.L von. **A morte à luz da psicologia**. São Paulo: Cultrix, 1980.

JAMISON, K. R. **Quando a noite cai**: entendendo o suicídio. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.

JUNG, Carl G. A Alma e a Morte. In: **A Natureza da Psique**. Obras Completas Volume VIII/2. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNGEL, Eberhard. **Morte**. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2010.

JUNQUEIRA, M. H. R. e KOVÁCS, M. J. **Alunos de Psicologia e a educação para a morte**. Revista Psicologia: Ciência e Profissão. nº3, 2008, ano 28, p. 506-519.

KASTENBAUM, R. e AISENBERG, R. **Psicologia da morte**. São Paulo: Pioneira, 1983.

KLEINIG, John W. **Como se forma um teólogo: oratio, meditatio, tentatio**. In: Igreja KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento**: (vol. 1) história, cultura e religião do período helenístico; (vol. 2) história e literatura do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulus, 2005.

KOVÁCS, M. J. (coord.). **Morte e desenvolvimento humano**. S. P.: Casa do Psicólogo, 1992.

KOVÁCS, M. J. **A morte em vida**. In BROMBERG, M.H.P.F. *Vida e morte: laços de existência*. S. P.: Casa do Psicólogo, 1996.

KOVÁCS, M. J. **Educação para a morte**: desafio na formação de profissionais de saúde e educação. São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP, 2003b.

KOVÁCS, M. J. **Educação para a morte**: temas e reflexões. São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP, 2003a.

KOVÁCS, M. J. **Educação para a morte**: um desafio na formação de profissionais da saúde e educação. Tese de Livre Docência. S.P.: IP / USP, 2002.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **A roda da vida**. 7e. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **La Muerte: un Amanecer**. Ediciones Luciérnaga, 1989.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Perguntas e respostas sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1981/1996.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Viver até dizer adeus**. São Paulo: Pensamento, 2005.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LUTERANA. Revista semestral de Teologia publicada em junho e novembro pela Faculdade de Teologia do Seminário Concórdia, da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil. Volume 61 - Junho 2002 - Número 1. ISSN 0103-779X.

MACEDO, Juliana Lopes de. **A subversão da morte: um estudo antropológico sobre as concepções de morte encefálica entre médicos**. Dissertação de mestrado – UFRGS. Porto Alegre, 2008.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A Etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2000.

MARTINES, E. A. L. de M. e MARTINS, R. M. A questão da morte: uma ponte entre ciência e religião? **Seminário de Educação 2010** – “Educação, Formação de professores e suas Dimensões Sócio-Históricas: desafios e perspectivas”. Cuiabá, 21 a 24/11/2010.

MARTINES, E. A. L. M. **A questão a morte em uma instituição de ensino metodista**. Trabalho de conclusão de disciplina do doutorado. Porto Velho, 2003. (digitado).

MARTINES, E. A. L. M. **O currículo possível na educação superior**: um estudo sobre o curso de biologia de uma universidade amazônica. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da USP. SP, 2005.

MEIHY, J. C. S. Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MENDES, A. M. B.; SILVA, R. R. **Prazer e sofrimento no trabalho dos líderes religiosos numa organização protestante neopentecostal e noutra tradicional**. Psico-USF, v. 11, n. 1, p. 103-112, jan./jun. 2006.

MINAYO, Maria C S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo & Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1996.

MORA, J. Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. 4 volumes. São Paulo: Loyola, 2001.

NÓVOA, A (org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

OLIVEIRA, M. K.; SOUZA, Denise T. R.; REGO, Tereza C. **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002.

PASSOS, João Decio. Ensino Religioso: mediações epistemológicas e finalidades pedagógicas. In: SENA, Luzia (Org). **Ensino Religioso e formação docente**. São Paulo: Paulinas, 2006.

PAULA, Blanches de. **Corpos enlutados: por um cuidado espiritual terapêutico em situações de luto**. Tese de Doutorado. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2009.

PIMENTA, A. G. **Sofrimento psíquico síndrome de Burnout: um estudo de professores do PPGE/CE/UFSM**. Dissertação de mestrado, UFSM – Santa Maria – RS, 2004.

PITTA, A. **Hospital: dor e morte como ofício**. São Paulo: Annablume; Hucitec, 2003.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. In: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

POURTOIS, Jean-Pierre; DESMET, Huguette. **A educação Pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1999.

RAIMBAULT, Ginette. **A criança e a morte: crianças doentes falam da morte – problemas da clínica do luto**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1979.

REALE, G. **História da Filosofia Antiga**. 5 volumes. São Paulo: Loyola, 1993.

REGO, T. C. **Configurações sociais e singularidades: o impacto da escola na constituição dos sujeitos**. In: OLIVEIRA, M.K; SOUZA, D.T.; REGO, T.C. Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea. São Paulo: Moderna, 2002.

REGO, T. C. **Memórias de escola: cultura escolar e constituição de singularidades**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.

RIMPOCHÉ, Sogyal. **El libro tibetano de la vida y de la muerte**. Barcelona: Círculo de Lectores, 1994.

RODRIGUES, J. C. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

RODRIGUEZ, Cláudia Fernanda. **O que os jovens têm a dizer sobre a adolescência e o tema da morte?** Tese de Mestrado – USP. São Paulo, 2005.

ROSA, M. **Psicologia evolutiva**. Vol. IV: psicologia da idade adulta. Petrópolis: Vozes, 1996.

- ROSSLER, João Henrique. **Trabalho, educação e psicologia na sociedade contemporânea: a formação do indivíduo no contexto atual da reestruturação produtiva.** In: MEIRA, M.E.M; FACCI, M.G.D. (Orgs.) *Psicologia histórico-cultural: contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- SÁ, M. F. F. de. **Direito de morrer: eutanásia, suicídio assistido.** Belo Horizonte: Del Rey, 2005.
- SACRISTÁN, J. G. e GÓMEZ, A. I. P. **Compreender e transformar o ensino.** Porto Alegre: ArtMed., 1998.
- SALVO, Maria Paola de. **O trânsito pega fogo em Porto Velho.** Revista Quatro Rodas – Edição Especial. Ago 2011.
- SANTOS, Genivalda A. C. dos. **As interpretações do Mal na religião e a Síndrome de Burnout.** In: Revista de Abordagem Gestáltica. XIX (1): 86-92, jan – jun, 2008.
- SANTOS, Janaina Luiza dos. **Revisão documental da literatura científica sobre educação para a morte a docentes e discentes de enfermagem.** Dissertação de Mestrado. USP. Ribeirão Preto, 2009.
- SILVA, Geórgia Sibeles Nogueira da. **A construção do “ser médico” e a morte: significados e implicações para a humanização do cuidado.** Tese de Doutorado – USP. São Paulo, 2006.
- SOARES, Elizangela A. **Viver pela Santa Eternidade – Pistas da escatologia pessoal no judaísmo antigo.** In: Revista Theos – Revista de Reflexão Teológica da Faculdade Teológica Batista de Campinas. Campinas: 5ª Edição, V.4 - Nº2 – Dezembro de 2008. ISSN: 1908-0215.
- SOLOMON, Andrew. **O demônio do meio-dia: uma anatomia da depressão.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- SONTAG, S. **Diante da dor dos outros.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- STEARNS, A. K. **Faça as pazes com a vida: aprendendo a conviver com as perdas.** São Paulo: Saraiva, 1991.
- STEGMÜLLER, Wolfgang. **A filosofia contemporânea.** Vol. 1. São Paulo: EDUSP, 1977.
- TILLICH, Paul. **História do Pensamento Cristão.** São Paulo: ASTE, 1988.
- TORRES, W. C.; GUEDES, W. G.; TORRES, R. C. **A psicologia e a morte.** São Paulo: Ed. FGV; ISOP, 1983.
- TORRES, Wilma da Costa. **O desenvolvimento cognitivo e a aquisição do conceito de morte em crianças de diferentes condições sócio-experienciais.** Tese de Doutorado – UNICAMP. Campinas, 1996.
- TURATO, E.R. **Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa.** Revista Saúde Pública, v. 39, n. 3, p. 507-514, 2005. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/rsp/v39n3/24808.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rsp/v39n3/24808.pdf)

VASSÃO, E. **Aconselhamento a pacientes terminais**. Campinas: Luz para o Caminho, 1996.

VIEIRA, Álvaro José Camargo. **Pedagogia da Morte**. Dissertação de Mestrado – UNICAMP. Campinas, 2002.

VIORST, Judith. **Perdas necessárias**. 4e. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZEICHNNER, K. **A formação reflexiva de professores**. Lisboa: Educa, 1993.

**APÊNDICE 1****TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO ESTABELECIMENTO ESCOLAR****PROGRAMA DE MESTRADO ACADÊMICO EM PSICOLOGIA****TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA**

Eu, \_\_\_\_\_ CPF \_\_\_\_\_ e RG \_\_\_\_\_, diretor da IES – Instituto Metodista da Amazônia – Faculdade de Teologia e Ciências Humanas autorizo RODRIGO MOREIRA MARTINS a realizar sua pesquisa intitulada "*A questão da morte na prática educativa de formadores religiosos*" neste estabelecimento de ensino, sem recebimento de verba e nem pagamento. A pesquisa tem como objetivo *Analisar quais são os significados atribuídos à morte pelos docentes do curso de teologia do IMAM - INSTITUTO METODISTA DA AMAZÔNIA, em sua relação com a prática educativa de formadores e a prática pastoral.*

O pesquisador deverá manter sigilo absoluto sobre as informações e assegurar a não identificação das pessoas que concederam as entrevistas quando publicar dos resultados da pesquisa que será acompanhada pela professora Dra. Elizabeth Antônia Moraes Martines do MAPSI/UNIR.

Fui informado que posso perguntar ao pesquisador qualquer coisa sobre a pesquisa pessoalmente ou pelo telefone (0xx) 69 92838792 e que posso receber os resultados da pesquisa quando mesmo antes de serem publicados.

Estou ciente que esta pesquisa corresponde e atende às exigências éticas e científicas indicadas na Res. CNS 196/96 que contém as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Este termo de consentimento será guardado pelo pesquisador e, em nenhuma circunstância, ele será dado a conhecer a outra pessoa.

Estou ciente e concordo em participar:

Data\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Diretor

---

Pesquisador

---

Orientadora

## APENDICE 2

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### PROGRAMA DE MESTRADO ACADÊMICO EM PSICOLOGIA

Meu nome é Rodrigo Moreira Martins, sou aluno do mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Rondônia e orientando da Prof<sup>a</sup>. Elizabeth Antônia Leonel Moraes Martines, e estou realizando uma pesquisa no IMAM – Instituto Metodista da Amazônia sobre o significado da Morte com professores desta instituição.

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, nesta pesquisa. Se aceitar fazer parte do estudo, assine o Termo de Consentimento livre e esclarecido, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de não aceitar você não será penalizado(a) de forma alguma.

#### INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

**Título do Projeto:** *A questão da morte na prática educativa de formadores religiosos.*

**Pesquisador Responsável :** Rodrigo Moreira Martins

**Telefone para contato** (inclusive ligações a cobrar): (69) 92838792

**Objetivo:** Esta pesquisa tem como objetivo *analisar quais são os significados atribuídos à morte pelos docentes do curso de teologia do IMAM - INSTITUTO METODISTA DA AMAZÔNIA, em sua relação com a prática educativa de formadores e a prática pastoral.*

**Procedimentos:** Entrevistas com professores que também são pastores atuantes.

**Risco da Pesquisa:** Há um risco mínimo de repercussão emocional, sendo disponibilizado o serviço de Psicologia aplicada para atendimento de apoio, caso necessário.

**Benefícios:** melhor entendimento sobre a temática da morte para atuação profissional dos participantes e, conseqüentemente, da Instituição envolvida.

Eu, \_\_\_\_\_  
CPF \_\_\_\_\_ e RG \_\_\_\_\_, telefone \_\_\_\_\_  
endereço \_\_\_\_\_,  
atualmente com \_\_\_\_\_ anos, concordo em participar da pesquisa intitulada "*A questão da morte na prática educativa de formadores religiosos*", que será realizada na Universidade Federal de Rondônia voluntariamente, ou seja, sem recebimento de verba e nem pagamento.

O pesquisador manterá sigilo absoluto sobre as informações, assegurará a não identificação da pessoa que concedeu a entrevista quando divulgar os resultados da pesquisa que poderá ser usada para publicação.

A pesquisa será acompanhada pela professora Elizabeth Antônia Moraes Martines do MAPSI/UNIR.

Fui informado (a) que posso perguntar ao pesquisador qualquer coisa sobre a pesquisa pessoalmente ou pelo telefone (0xx) 69 92838792 e que posso receber os resultados da pesquisa quando forem publicados e que posso desistir de participar a qualquer momento que desejar, sem qualquer prejuízo.

*Esta pesquisa corresponde e atende às exigências éticas e científicas indicadas na Res. CNS 196/96 que contém as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Em caso de dúvida devo procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Rondônia pelo telefone 69 2182-2000.*

Este termo de consentimento será guardado pelo pesquisador e, em nenhuma circunstância, ele será dado a conhecer a outra pessoa.

Estou ciente e concordo:

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Participante

### APENDICE 3

#### GUIA DE ENTREVISTA EM PEQUENOS GRUPOS

A TANATOLOGIA (Estudo da Morte) é uma área de estudos que vem destacando a necessidade de se introduzir a questão da morte (real e simbólica) em instituições de ensino e de saúde. A morte real se refere àquela que ocorre no fim da vida, mas entende-se que ao longo da vida, sofremos inúmeras perdas que causam dor e sofrimento, às quais chamamos de morte simbólica. Nosso curso forma profissionais que geralmente atuam na prática pastoral.

4. Gostaria que você falasse qual o significado da morte para você. Justifique sua opinião.
5. Você teve qual tipo de formação em relação a essa temática?
6. Como você ensina sobre esse tema aos seus alunos desta IES?



## APÊNDICE 4

### ANÁLISE A PARTIR DA CODIFICAÇÃO ABERTA.

Divisão entrevistas por perguntas:

Qual o sentido da morte para você?

Como você ensina sobre o tema?

Como você aprendeu sobre o tema?

- Sugestões feitas pelos entrevistados

As entrevistas foram numeradas por parágrafos e o nome dos entrevistados foram trocados pela letra P e um número sequencial (P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7)

#### 3.1.1 Sentido/significado da morte, qual o entendimento?

*60 P1 essas coisas do pós vida.. na nossa teologia, elas entram como segurança em Deus, mas não há uma preocupação em ficar construindo céus, como será, quando vem, de que jeito vai ser. Outras correntes teológicas vão ficar preocupadas em dizer: tem sete anos de tribulação, mil... não é essa a preocupação da Teologia Metodista. A Teologia Metodista tem outra abordagem, a morte é real, tá aí, ela é o maior desafio diante de nós e diante da vida, e isso faz a gente valorizar a vida. E o próprio Wesley no sermão 43 diz que... - que salvação é essa? - Ele pergunta, salvação do pós morte... ele diz – não, é a salvação que começa agora. – Então assim, a constatação da morte, na teologia metodista e na minha identidade religiosa, é uma constatação pra valorizar a vida, não pra ficar especulando sobre o pós morte. Isso o Wesley, um teólogo moderno, do tempo do iluminismo, ele já entra nessa preocupação mais convicto, não tá muito preocupado em ficar discutindo pós não... O pós é uma segurança decorrente da vida que eu tenho com Deus, a fé.*

Código: A Morte concreta é uma certeza real que valoriza a vida no agora

Código: A escatologia depende da vida de fé

*80 P2 Porque a religião, em grande medida, é uma explicação sobre a morte, ou melhor, sobre o destino do ser humano. Uma tentativa de se responder qual vai ser o fim último nosso. Será que é a sepultura ou existe algo mais?*

Código: religião é uma tentativa de explicação escatológica (o pós morte)

*90 P2 o Antigo (Testamento) ainda consegue lidar com a Morte de uma forma muito natural. Tanto com aquela morte, aquilo que a gente pode dizer: uma morte física, como uma morte relacional, uma morte simbólica. E tem alguns momentos que essas duas mortes caminham muito juntas. Por exemplo uma prostituta. De acordo com a Lei de Moisés, a prostituta era apedrejada. Em alguns minutos ela sofria também, já como em toda sua vida, ela sofria a morte simbólica, mas em algum momento se se envolvesse com alguém casado, por exemplo, aí ela também era apedrejada como resposta ao seu adultério. Então no momento sofre as duas mortes. Aquela pessoa que simbolicamente já estava morta para a sociedade, afastada da sociedade, também recebe o castigo da morte física.*

Código: morte simbólica como consequência da situação sócio-econômica de gênero  
 Código: morte concreta como punição pela lei

*115 P2 eu tenho mais uma postura de pensar que a morte não é o fim, mas ela limita qualquer tipo de contato, vamos dizer assim, por hora perdemos tudo o que tínhamos de relacionamento.*

Código: morte como tentativa de explicação escatológica (do pós vida )

*120 P2 ai a comunidade também vive da esperança da ressurreição. E essa esperança, então, morre também a comunidade cristã em saber que em algum momento da história humana também vai romper esse novo reino, onde esses relacionamentos destruídos vão ser restaurados, onde a mãe que perdeu seu filho tão novo, ela vai poder restaurar esse relacionamento. Mas por hora, enquanto seres humanos, eu compreendo assim, que está perdido. Eu lembro até uma explicação do reformador, Martinho Lutero, num sermão onde ele fala sobre a morte, ele faz uma brincadeira com o texto de Gênesis 3, falando assim que quando Adão morreu, ele mal fechou os olhos, diz que ele abriu os olhos, olhou assim e disse: - puxa, mas já to aqui no juízo final? Já, Senhor, não pude nem descansar. E ai Deus disse pra ele: - não, já estás no juízo final. – mas eu nem percebi o tempo passar. Então, justamente, Lutero queria mostrar esse lado e dizer: o tempo, a questão temporal faz parte da vida. Medir o tempo, sentir o tempo, ver o tempo e envelhecer no tempo, faz parte da vida. Agora, a partir da morte você é um ser atemporal. Eu lembro de um professor de teologia que dizia assim: você não cai na inexistência, você existe, mas existe enquanto morto. (risos) Então é algo assim paradoxal, você assim, o P2 vai existir, mas vai existir morto. E ai esse relacionamento com o P2 é restaurado só a partir da esperança na ressurreição... do movimento do Deus cristão em direção a esse P2. Então, nesse sentido o Lutero quis ilustrar, na brincadeira com o Adão e dizer: que... na morte você perde toda essa noção tempo...espaço, você não participa mais de nada disso. Dessa forma, assim, eu entendo, compreendo a morte.*

Código: A morte é só do corpo, a vida é espiritual e não acaba (dualismo corpo “tempo e espaço” e alma)

*155 P2 Então a morte mais, agora é entendida como um rito de passagem no cristianismo primitivo. Tanto que o apóstolo Paulo diz: se o viver pra mim é cristo, o morrer é lucro... então ele não tem... é uma preocupação com a morte, mas não nos termos modernos que nós temos. Nossa preocupação é como vencer a morte. E não como passar por ela, senti-la.*

Código: morte do ponto de vista espiritual é passagem, já a moderna é fim passível de ser superada, vencida

*260 P2 Porque eu vejo assim, ser e lidar com naturalidade com a morte não quer dizer ser insensível com a morte. 31:40 Lidar com naturalidade é ao mesmo tempo também sentir a morte é algo trágico, isso não existe. Ninguém pode aliviar esse discurso. A morte é algo trágico por que, porque ela destrói relacionamentos, destrói afetividade, destrói relações.*

Código: A morte concreta tem seu lado ruim porque destrói relacionamentos (entre humanos)

280 P2 *E a outra parte trágica da morte, também, é essa pergunta: por que uma pessoa jovem, uma pessoa cheia de sonhos, uma pessoa com planos, por que que tinha que terminar assim? Ai eu digo, teologicamente nós estamos sem resposta, mas ai nós temos que olhar também o aspecto social da morte. A morte está também envolvida com o âmbito social. Por que isso aconteceu? Quando a gente se descuida num momento desses, vem alguém e oferece um abraço e diz: olha, Deus quis assim. E esse discurso, para nós teólogos, esse discurso é muito barato. Por que nos tira também a responsabilidade. O rapaz morreu como? Morreu de moto. Por que? Porque alguém cortou a frente. Mas, por que, onde ele estava dirigindo, como estava a situação desse trânsito, do trânsito de Porto Velho? Como vamos levantar isso diante de uma família enlutada. Vamos acabar criando mais revolta. E nós, como comunidade cristã, precisamos fazer essa reflexão. Ou como comunidade de acadêmicos, fazer essa reflexão. Eu me lembro da preocupação da lombada aqui na frente, também é uma preocupação que gira em torno dessa temática, do acidente, morte que está por trás.*

Código: A explicação da morte não é só por fatalidade sem responsabilidade humana.

300 P1 *Eu não tenho muita preocupação em questão de salvação porque o que eu aprendi é que a salvação é algo que a gente tem que ter segurança. Não pelo que eu sou, pelo que eu fiz, mas pela graça de Deus. Então, eu não questiono se eu estarei ou não ao lado do Senhor, isso pra mim é uma consequência natural da minha confiança em Deus, eu estarei ao lado do Senhor. Então não tenho mais essa dúvida. Mas a minha dúvida é: que legado eu deixei.*

Código: Escatologia como consequência de vida de fé e cumprimento das obrigações religiosas

310 P1 *a morte, pra mim, me desafia a viver melhor. E ai, no caso, quando eu trabalho com as pessoas enlutadas, eu trabalho primeiro aceitando, e eu faço de tudo que aquela pessoa aceite a sua própria dor, que ela não fique lutando contra aquilo, que ela deixe doer, e que ela pranteie. Olha, você pode, é seu direito chorar. Deus te dá esse direito, mais que isso, no final do choro Ele vai te ajudar a enxugar as lágrimas, Ele vai te ajudar a te consolar.*

Código: a morte concreta certa valoriza a vida.

Código: A morte (dos outros) é consolada a partir de uma escatologia dada, cristã, a partir de uma vida de fé.

320 P1: *E se eu tiver tomando conta do procedimento. Tivemos uma amiga que esses dias estava cuidando de um funeral, da parte administrativa praticamente sozinha... eu falei: por favor, se acontecer isso de novo, porque todo mundo te procura nessas horas, você passa pra mim, deixa que eu cuido do funeral. O pastor, e a minha visão de ação pastoral, inclusive é essa, aconteceu algo com a comunidade, ele tem que chegar no ambiente, perceber quem mais ou menos está inteiro ali, chamar num canto e falar: deixa que eu tomo as providências, me dá aqui... como é que vocês querem, conversa um pouquinho com a pessoa sobre isso, já toma conta e deixa a família só pra ir ao enterro. Naquele momento, chama a liderança da igreja para estar junto, passa a vigília junto, passa a noite junto, mas quem vai cuidar da parte administrativa, chata, é alguém da igreja, é o pastor da igreja que vai fazer essa coisa e depois estar lá, naquele momento com eles. E*

*encorajá-los a isso, a viver o momento, de perda, de deixar doer, e depois cultivar a saudade. Mas uma saudade gostosa, eu tive o privilégio de viver ao lado daquela pessoa, tanto tempo. Deus me deu essa graça. Não Deus me levou a pessoa, mas Deus me deu a graça de viver ao lado de alguém que amei tanto, por tantos anos...*

Código: Pastor que assume parte do procedimento administrativo como parte de seu trabalho

Código: O fenômeno de higienização do processo de morte causado pelas preocupações dos profissionais modernos

*80 P3 Então no cristianismo a morte não tem um sinônimo de fim, de aniquilacionismo, de extinção. Mas a idéia que é um começo de uma nova realidade.*

Código: A morte concreta é uma passagem para a continuação da vida espiritual

*90 P3 Vem até dessa perspectiva de convicção, convicção de uma nova realidade, de uma nova vida, de uma vida melhor, ausente dessa nossa realidade de sofrimento, de angústia, de dor. Mas é uma outra realidade não corpórea, mas na presença de Deus.*

Código: escatologia que promete uma vida melhor a partir de uma fé específica (moral)

*105 P4 Acho só que a gente precisa acrescentar que morte, e toda vez que nós falamos de morte, falamos como o fim da vida biológica, mas há outras mortes todos os dias. O sentimento de perda de modo geral.*

Código: Distinção entre morte concreta e mortes simbólicas

*125 P3 Sempre é um rompimento muito doloroso.*

Código: morte como rompimento é um processo ruim, de dor (emocional)

*130 P3 entrar e participar do sofrimento da família.*

Código: Trabalho pastoral que exerce compaixão pelo outro

*170 P4 Mas ela também é uma vivência comunitária de perda, pra gente, inclusive, enquanto líder, enquanto pastor. É um envolvimento emocional, espiritual, social, que passa desde a compra do caixão, ao cuidado médico, ao cuidado dessa família, à presença depois. Acho que foi muito bem lembrado o que você disse (P3), não é só alguém que vai ser tirado do rol, é alguém que sai da vida da gente.*

Código: Trabalho pastoral passa por um envolvimento emocional específico (passível de burnout)

*190 P4 Assim como nós criamos resistência para poder tratar da morte com outros nomes, as perdas simbólicas também nós tratamos com outros nomes (PERDA).*

Código: morte interdita, fuga através de troca de nomes

205 P3 A gente tem, não sei se o Pastor P4 tem encontrado alguma situação de famílias que chegam assim ou chegaram agora, por causa da questão das Usinas, ou por causa de empresas que vieram abrir pra cá. Mas essa questão de perda também, a gente percebe que a pessoa perdeu algo e ela tá tentando se reestruturar. Acho que a gente tem trabalhado mais com a questão da transição, da adaptação do que tentar fazer ela pensar na perda. No caso da morte física, biológica, não, você tem que levar a pessoa e falar: olha, você tem que abrir o guarda-roupas e vai encontrar as roupas da pessoa lá, você não tem mais ela. Então é um processo de adaptação, mas ela tem que passar pela assimilação da perda. Agora, no caso da perda simbólica não. Você foca mais pro futuro, pelo menos essa tem sido a minha experiência. Porque falar: não, pensa nas coisas boas do passado. Não, vamos falar: vamos melhorar de agora pra frente, entender o novo momento, a nova experiência, enfim, vamos tocar pra frente, porque se não.... Leite derramado não dá pra você fazer muita coisa com ele.

Código: Morte concreta, tratamento realístico de consciência – interdição do tema; morte simbólica, encaminhamento de “auto-ajuda”.

290 P3 Verdades em geral, as pessoas sabem da verdade. Que Deus consola, sabe que Deus está no controle, sabe que a morte é algo, uma experiência inevitável. Sabe que a morte é algo doloroso. Pra nós que somos cristãos convictos, sabemos que a morte é uma fase de transição, mas ninguém tá preparado pra morrer e ninguém vive preparado pra aceitar a morte. Mesmo porque um pressuposto teológico que eu tenho, é assim, nós não fomos criados pra morrer. A morte não é uma experiência pra qual nós fomos projetados. A Bíblia nos diz que ela vem como consequência de maldição, desobediência. Então, a morte sempre ela é dolorosa. Tanto como experiência, como também, você saber assim, não deveria ser assim. Mas a gente enfrenta ela. E é a graça de Deus que consola.

Código: Morte concreta é a biológica – e a fase de separação causa dor, mas a vida continua de forma espiritual

Código: pós morte como fuga, consolo para os que ficam.

390 P1: tanto os questionamentos sobre a morte, quanto os questionamentos sobre Deus, porque os dois são o absurdo. P2: Foge à razão. P1: Foge.

Código: questionar o pós morte é vedado do ponto de vista da espiritualidade cristã, é igualado ao questionamento de Deus, porque questionar a Deus é questionar a existência do pós morte, equivale a questionar o fundamento da fé.

455 P2: (a vida abundante) é uma proposta de resignificação da vida, que em outras palavras dá pra dizer assim, que o cristianismo também tem uma proposta de dar uma nova vida simbólica, vamos dizer, ao contrário do que seria uma morte simbólica, o cristianismo também quer dar uma nova vida, usando a palavra simbólica, símbolo.

P1: É né, porque a nossa esperança é a ressurreição, o cristianismo nasce da ressurreição, ou seja, o cristianismo nasce exatamente da fé de que o Deus agiu sobre a vida do seu filho superando a morte. Então, o cristianismo não nasceu lidando bem com a morte. Do ponto de vista assim, o cristianismo não gosta da morte. A morte é, no máximo uma passagem, um instrumento, na verdade, a morte é consequência do pecado na nossa teologia. Na teologia clássica a morte é consequência do pecado. Sem pecado, não há morte. Então, olhar pra morte com esse negócio de natural, a morte é uma contingência deste tempo, deste tempo que não é tempo de plenitude do Reino de Deus. Porque no

*tempo de plenitude do Reino, quando Ele vier, nesse tempo não haverá morte, mas também não haverá fome, nem miséria nem injustiças, nem esse capitalismo aí....*

Código: Morte como negação resignificada a partir da fé no pós morte escatológico.

*35 P7: Olha, essa coisa da morte, tem a questão da teologia, que a gente está preso a ela, e tem a questão da vivência.*

Código: a morte que continua na vida espiritual e a morte que é interdita.

*100 P6 só pequenininho houve perda do meu avo, dos meus avós, quando pequenininho, então criança... E depois, quando adolescente, e eu posso dar graças a Deus, eu não perdi mais ninguém da minha família, então eu tenho essa experiência na minha família. E eu tenho essa barreira de pensar sobre isso, eu confesso, de refletir sobre a morte. Então, teorizar sobre a morte é dizer o que já foi dito, dizer que a morte é algo absolutamente natural, um ciclo da vida, dizer que a morte é um processo que começa quando você é gerado. Ao mesmo tempo vida e morte caminham paralelamente. O tempo todo, segundo os entendidos aí.. você perde cerca de 150 milhões de células todos os dias. Quando você toma um banho – bem tomado né – e aquela coisa preta que vai lá ... não é só sujeira, são células mortas que vão junto, e você morre ali, e você se renova, se renova, se renova até que chega um dia que não renova mais e aí a morte dá, entre aspas, a última palavra, pelo menos na imanência do mundo natural. Nós sabemos que a morte não é a última palavra, porque nós temos a fé no transcendente, na outra vida, na continuação e aí todo esse processo teológico. Mas a minha sensação em relação à morte é uma sensação de oi e tchau. Eu a vivencio na vida de quem quer que seja, e procuro me colocar a disposição, e procuro ser vida na vida das pessoas naquela hora, mas depois daquilo eu procuro nem pensar mais. Eu confesso isso. E é a primeira vez que eu acho que to tendo uma conversa teológica sobre a morte. A gente conversa assim, por situações: poxa, o fulano morreu, poxa, pra morrer basta estar vivo... daquelas conversa, daquelas frases feitas que a gente já conhece. Mas basicamente a sensação é de algo inevitável, inexorável, que tem o elemento da dor, e isso traz, obviamente um receio.. . quem de nós nunca pensou, meu Deus, me livra de um câncer, me livra de morrer, ou de ficar vegetando numa cama, que é uma morte, não é? É uma quase morte no sentido biológico, mas é uma morte psicológica.*

Código: morte interdita.

Código: morte concreta é aceita, mas interdita em suas conseqüências no dia a dia

Código: medo da morrer concretamente com dor física.

Código: trabalho pastoral numa tentativa de separação de envolvimento emocional.

*180 P7 Passei a encarar, eu acho hoje até esquisito isso, como eu vejo a morte. Eu não gostaria de morrer, só por causa da minha mãe, minha esposa e meu filho, só pelo sofrimento que eles teriam, fora isso, eu penso igual ao apóstolo Paulo: viver é bom mas o morrer é melhor, então viver é lucro. Eu to feliz vivendo, mas eu acho que essa experiência ela me ajuda muito a trabalhar isso com as pessoas.*

Código: curiosidade em relação ao pós morte (boa) baseada na fé cristã em relação à consciência da vida concreta (ruim).

*210 P7: Bem, eu tava pensando aqui... essa minha experiência... é que eu tenho uma ovelha... uma senhora de mais de 70 anos, ela é viúva duas vezes. E ela mora só , anda, faz*

*todas as coisas dela, apesar de ela ter filho e filha casados, mas ela tem uma vida independente.. eu sou um fã dela. E eu acho interessante ... ela sempre brinca comigo dizendo que ela pede pra Deus levá-la, porque ela já viveu tudo que precisava, teve dois esposos, amou e foi amada e tal.... E ela diz assim: Pastor, eu gostaria de morrer, eu queria muito que Deus me levasse, mas ele não me leva.. ele leva tantas pessoas, mas eu não vou. Então, de certa forma eu entendo... algumas pessoas podem não entender. Essa coisa... eu acho interessante que o cristão tem essa possibilidade. Não que o cristão não goste de encarar a morte de frente, porque nós nascemos para vida. A Bíblia diz isso, que nós nascemos pra viver, e esse é um problema que nós temos com a morte, porque nós nascemos pra vida. A teologia lá no início fala que Deus nos fez e que nós poderíamos, através de Adão, ter comido da árvore da vida, que não era proibida, então Adão tentou escolher comer de outra árvore... Então ali tá o embrião da crise que nós temos com a morte. Nós não fomos projetados pra morrer, e sim pra viver eternamente. Então a morte entra na história do ser humano e tem esse problema todo. Com a vinda de Jesus há uma nova possibilidade. Eu tenho experimentado isso e essa minha ovelha tem experimentado isso, e eu entendo ela muito nisso, que, no dia em que ela morrer – eu sou realmente fã dela – no dia que ela morrer, eu vou sentir muito mas eu vou ficar feliz também. Por saber que ela buscou isso né, que ela já tava pronta pra isso. Eu acho isso muito legal. Eu acho que esse fecho, eu dizer que de fato não é uma coisa – eu não to falando assim uma coisa da boca pra fora – é uma coisa que eu experimento, uma alegria, uma paz com essa coisa da morte. Pra mim não mete medo, já meteu um dia né, como eu te falei, a experiência do meu pai pra cá, mudou essa minha percepção. E é uma coisa que eu acho muito legal isso hoje. Todo mundo sabe, que está à minha volta, porque eu compartilho isso com todo mundo. Então eu queria deixar isso: que é possível alguém encarar a morte de forma assim... com uma expectativa boa também. Eu tinha ouvido isso do apóstolo Paulo, mas eu não concordava, e dizia: tá legal Paulo, tá bom.... Mas hoje eu experimento isso e acho isso legal pra mim, e eu me sinto bem com isso. Eu acho que isso vai confortar, se eu partir antes da minha esposa e dos meus filhos, isso vai confortá-los, confortar a minha Igreja, se um dia acontecer isso, saber que eu tenho essa coisa, essa sensação sobre a morte, de uma coisa boa, legal. E eu depois disso, eu lembrei que Sócrates falava mais ou menos assim: se morrer for igual a dormir, se a morte for igual a um sono, que coisa melhor que dormir né, dormir é legal; mas se do outro lado há uma outra vida, poxa, legal também, vou poder conversar com os grandes filósofos, os grande sábios. Mesmo que o pessoal não tivesse essa percepção que nós temos, teológica, ele tinha essa percepção sobre a morte também. Ele achava que a morte podia ser um negócio de qualquer maneira bom. Ou você ia viver e ter contato com os grande sábios, ou você ia dormir, e ambas as alternativas eram boas pra eles. Eu já sei que eu não vou dormir, mas eu sei que essa possibilidade de estar com o Pai, assim, de poder até esperar aqueles que virão depois, pra mim é uma coisa legal, e eu acho isso bacana em mim, sentir isso.*

Código: a morte concreta é apenas uma passagem para a continuação da vida espiritual

Código: causa da morte é o pecado.

Código: fé escatológica no pós morte como vida espiritual boa

Código: morte concreta significando passagem através da fé cristã para condição melhor

Código: outras culturas (filosofia grega) também entendem a morte como passagem para lugar melhor

### 3.1.2 Como educa sobre o tema?

150 P2 *E o cristão, lá das primeiras sociedades cristãs, que a gente estuda aqui na teologia, nas historia da teologia, na exegese. Esse cristão, ele tinha uma forma muito natural de lidar com a morte. Tanto que na época da perseguição, as celebrações eram feitas em catacumbas, fugindo do Império Romano. Então o ambiente que exala a morte, eles tinham a maior naturalidade de lidar com a morte. (Beth: celebrando) Celebrando e vivendo com aquele ambiente.*

Código: Morte domada com base histórico-bíblica

210 P2 *Então, eu penso assim, que a atuação pastoral é proporcionar momentos onde a pessoa, ela mesma precisa... não o nosso discurso superar a dor dela, mas ela com sua experiência, com seu falar, catarse, de estar falando, de estar contando. E nesse sentido o nosso discurso vai se aproximando da realidade. Se não o nosso discurso fica numa direção e de repente o que a comunidade espera de consolo, não comparece no contato com as pessoas.*

255 P1 *um acidente que levou o rapaz. Tum, levou. Ele tava, ao contrário, cheio de planos, cheio de vida, e um acidente o levou. Então nessas horas, eu paro, eu me aquieto. Nessas horas eu me aquieto e eu não ousa oferecer tantas respostas pro imutável. A única coisa que ousa dizer é: olha, eu também não entendo, mas eu tenho certeza que Deus é presente com a gente agora, nesse momento. Deus sofre com você. Ele partilha com você, tanto das tuas dores quanto das tuas alegrias.*

380 P2 *compro aí as palavras do prof. P1, tem momentos em que um abraço é o suficiente, então esse é um não discurso que também é um posicionamento diante da morte. É uma opção por não se construir, porque não se pode construir. Eu acho que isso a gente tem que dar por perceber pros alunos, porque eles não são obrigados dentro do fast food espiritual, ter a resposta rápida pra tudo, como o P1 colocou. Nem é obrigado a responder tudo, mas procurar pesquisar, ter opiniões.*

Código: que a morte (perda) deve ser superada pela própria pessoa, não apresenta explicações prontas para a situação.

Código: Não apresentar explicações prontas para a morte.

370 P2 *Eu sempre tenho pensado que a gente tem que proporcionar também em ambiente de aula também um ambiente que fala sobre a morte, proporcionar um ambiente em que os alunos também vão construindo a sua visão sobre a morte, junto também com a sua experiência com a morte, mas de forma muito madura e reflexiva.*

Código: Conhecimento empírico do assunto morte

65 P3 *em teologia sistemática não, você vai ter uma abordagem da morte, por exemplo em: Doutrina de Deus, quando fala do problema do mal, a questão da teodicéia. Embora essa é uma abordagem mais teórica, porque Você vai entender qual a relação de Deus em governar as coisas, sendo Ele bom e a existência do mal que é inegável. Então, a proposta da teodicéia é essa tentativa de explicar o mal. Desde catástrofes, sofrimentos, calamidades e também o ponto ápice que é a morte. Você explica porque milhares de*



*peessoas morrem num tsunami, morrem em terremoto, então como Deus se relaciona com a morte dessas pessoas, ou como a morte que envolve intenso sofrimento.*

Código: Morte como justiça de Deus entre o bem e o mal (moral) – teoria a partir da teologia sistemática

*75 P3 Em antropologia teológica, você também acaba encontrando o assunto. Porque você fala desde o nascimento, origem do homem, constituição do homem, natureza do homem, e finda o assunto com a morte do ser humano como sendo o aspecto, a experiência do pecado, a consequência do pecado. Agora, mais precisamente, a morte é abordada em teologia sistemática em escatologia, ou doutrina das últimas coisas.*

Código: Morte tendo a origem no pecado – antropologia teológica; Téó. Sistemática e escatologia. (o homem não nasceu para morte... a vida é espiritualmente eterna)

*80 P3 E aí em escatologia individual você fala da morte como sendo o principio desse “ultimas coisas”. Então no cristianismo a morte não tem um sinônimo de fim, de aniquilacionismo, de extinção. Mas a idéia que é um começo de uma nova realidade. Então, a abordagem pastoral, a teologia sistemática ela dá suporte para que a teologia prática ela possa, então, a partir de uma compreensão, de uma crença, de uma sistematização da doutrina, de uma convicção você poder dizer: olha, Fulano, ele não acabou, ele está numa nova realidade. O conforto, o suporte, conseguir com que a vida seja suportável com a perda, com a ausência, ela se baseia com convicção.*

Código: Fundamentação bíblica: a morte veio pelo pecado, a vida espiritual é eterna

*270 P4 Eu só acho assim, eu tenho a impressão que a gente trabalha com a comunidade, a gente prepara a comunidade menos do que deveria – a gente, eu to falando eu.*

Código: Morte, tema interdito.

*280 P3 Assim, a vida é tão complexa... o meio acadêmico, por exemplo, uma única disciplina, por exemplo a Hermenêutica. A complexidade de temas é muito grande. Mesmo aconselhamento pastoral, a complexidade de temas é muito grande. Então, num único semestre, você abordar satisfatoriamente um tema que seja, dentre os vários é praticamente impossível. Você dá introduções. Você apresenta referencia bibliográfica, mas acho que a experiência acaba sendo o fator de maturação que vai definir a pratica pastoral mesmo.*

Código: Conhecimento da morte com mais ênfase no empírico

*55 P7 Então, é isso que eu passo para os meus alunos, é isso que eu passo na minha Igreja. Procuro colocar o lado, eu diria, bom, já que a morte é sempre vista como o lado ruim, perda, separação, alguma coisa assim. Então eu procuro passar essa coisa boa, o lado bom da morte. O lado da sensação, do sofrimento, se a pessoa tá sofrendo muito, ela agora descansou – como se fala. Essa coisa de você encontrar toda uma gama de gente boa amiga sua do outro lado; a certeza de salvação que a gente tem, com tudo aquilo que a gente crê na Bíblia, Jesus ter ressuscitado etc., então isso é uma coisa que passa a ser uma coisa boa pra mim.*

Código: a morte não é o fim, apenas uma passagem para a vida espiritual – e isso é fonte de consolo

*60 P7: Em relação à morte simbólica, eu não sei se é exatamente isso, mas eu penso muito na... a gente tem trabalhado muito com a questão da separação, divórcio... Então eu penso nisso como uma morte simbólica. Para algumas pessoas, eu percebo, algumas pessoas até que conseguem se sair bem depois que morre o seu cônjuge ou filho ou alguém, sofre um pouquinho, mas daí já tá mais tranqüilo. A morte emocional ali, parece que é uma coisa que parece que pesa mais.*

Código: Morte simbólica como perdas de diversos tipos

*120 P6 eu... nunca levei isso pra sala de aula, pelo menos, não que eu me lembre de forma sistemática. Mas se fosse pra levar eu falaria: quero trazer à memória aquilo que me dá esperança. Os elementos que estão envolvidos na morte..que Deus dá o dríble da vaca na morte, que a própria morte faz parte da vida. E a gente vê isso na natureza, quando uma árvore cai, apodrece, depois vida adubo e outra planta nasce.. é o ciclo de morte e vida que pra Deus, pelo menos no campo da natureza, é um instrumento, essa é minha sensação. Agora, psicologicamente, moralmente, a morte é uma ruptura, a morte implica sofrimento.*

Código: Morte como algo natural, mas ainda com visão teológica de que há a vida espiritual após, e que as perdas geram sofrimento.

*150 P7 As dificuldades que as vezes a gente tem no culto fúnebre. Dependendo da pessoa, de quem é que vai ser, pra quem que você vai fazer aquele culto fúnebre ali. Se você conhece o caráter dele, se é uma pessoa que tinha ou não uma relação com Deus. Você tem que estar preparado praquele momento pra consolar. Na verdade eu aprendi a focar sempre no consolo. Nem na pessoa que morreu, achar algumas coisas importantes na vida dela pra elogiar... se ela não tiver nada pra elogiar, mas você mostrar, pelo menos, que naquele momento ela tá deixando uma mensagem pra nós, da finitude da vida, que a gente passa por aqui. E só isso já seria suficiente ali. E no mais é só dar conforto e consolo para os parentes enlutados que estão ali.*

Código: Morte interdita, vida como passagem

### 3.1.3 Como aprendeu sobre o tema?

*50 P1 eu estudei morte.. não propriamente a morte, mas como lidar com isso nas disciplinas de aconselhamento pastoral quando eu fazia teologia, psicologia aplicada a pratica pastoral.. também eu estudei. E quando a gente fala de teologia da salvação e escatologia. Escatologia fala um pouquinho e teologia da salvação que é a lida com a morte fala muito. Só que é no caso, da teologia que eu estudei, que é a teologia em São Paulo, que é base também desse currículo aqui de Porto Velho, é que a morte... ela vem como... (bem, eu acho que já estou entrando em outra pergunta...) mas eu acho que a morte ela vem ai não como a escatologia mesmo.*

Código: Aprendeu a como lidar teologicamente com o luto (aconselhamento pastoral e escatologia)

*225 P1 Essa forma de lidar com a morte.. eu não tenho isso muito definido, como se fosse alguma coisa já prontinha. Eu não tenho nenhum discurso pronto sobre isso, e nem uma reação existencial pronta sobre isso. E eu não me culpo por isso. E eu acho que tem que ser assim, em alguns momentos a gente tem que reconhecer, enquanto pastor, enquanto teólogo, que eu não tenho resposta pra tudo. Agora, dentre esse universo de dúvidas e questionamentos, eu tenho algumas certezas, algumas. E essas certezas eu tive, vendo e lidando com a morte de pessoas queridas.*

Código: Aprendeu de modo empírico (as teorias não bastam para certeza)

*270 P2 Eu sempre penso assim: quem, numa cerimônia de sepultamento, não pergunta também sobre seu fim, não faz pergunta sobre o seu próprio destino. Como vai ser, quando vai ser, que que vai acontecer comigo. E também em muitas cerimônias de sepultamento temos leituras bíblicas que invocam essa reflexão. Porque ela também faz parte do processo de luto, porque quando você é colocado em contato com a realidade você é levado a refletir sobre ela.*

Código: Valoriza o empírico, o dia a dia como a realidade que força a saída do tema do interdito.

*340 P2: uma grade específica sobre isso não...as vezes estava embutido na teologia sistemática, na TS 1, 2 e 3, e aí na área da exegese também de acordo com o que o professor estruturava na aula... Eu sempre falo para os alunos na sala de aula que eles sempre precisam procurar opiniões contrárias, e ver as duas.*

Código: Parte teórica na Teologia Sistemática e na área de exegese bíblica, mas ressalva a importância do empírico.

*225 P4 No sítio, a gente que viveu no sítio, você tem as constantes mortes dos animais, normalmente animais de estimação.*

Código: Aprendeu pelo empírico, situações do dia a dia

*230 P4 A minha mãe era uma espécie de lavadora de corpo no sítio, então, minha mãe fazia questão de levar a gente criança pro velório, pra pegar no morto, pra despedir do morto, pra manter aquele contato.*

Código: Aprendizagem empírica, sem teorizações

*235 P4 ...no seminário, na matéria de aconselhamento pastoral, eu me lembro que a gente teve pouquinho, mas teve. Uma coisa dessa de o pastor trabalhar com a gente um pouco sobre isso. Na matéria de liturgia também, mais relacionada ao ofício fúnebre.*

Código: Aprendizagem de modo transversal, não era a preocupação central da ementa da disciplina, ficando a critério do professor

250 P3 *Então tanto na aula de introdução a psicologia quanto na aula de aconselhamento pastoral a gente já ficava tendo contato teórico. E aí a experiência da vida, e agora o contato com o ministério pastoral.*

Código: Disciplina de psicologia e aconselhamento pastoral despertaram para o tema que foi complementado de modo empírico.

260 P3 *Então cheguei já tendo uma experiência fúnebre; e ter que fazer um culto fúnebre, e saber o que eu vou fazer, e acompanhar a família. E foi uma experiência assim, meio que aprender forçado, mas... De lá pra cá, eu tenho tido mais oportunidade de celebrar fúnebre de parente de gente da Igreja, ou de amigos da Igreja, conhecidos meus, do que propriamente gente da Igreja mesmo.*

Código: Aprendeu fazendo, de modo empírico.

470 P2: *A gente tava falando, um pouco antes de começar a entrevista, eu fiz o TCC: Morte e sofrimento no diálogo entre exegese e dogmática. Eu fiz em Genesis 13. Então é algo assim que eu comecei a analisar, com embasamento teórico, lógico né. Uma pergunta bem simples é: O Von Rad e também o Claus Werstermann, eles perguntam: será que Deus foi um mentiroso naquela narrativa mitológica do Genesis. Quer dizer, entrando na narrativa, é... acontece o que.. aparece uma serpente e diz: P1, não... primeiro vem Deus e diz: ô P1 daquele fruto não coma, porque o dia que você comer certamente morrerás. E aí depois aparece a serpente e diz: ô P1, come lá, tu não vai morrer, isso é mentira. E aí o P1 se sente bem e vai lá e come. E o que acontece com esse P1. Esse P1 é expulso do jardim. Quer dizer, todo o relacionamento que ele tinha com o criador acabou. Mas não aconteceu a sua morte no sentido biológico, daí a grande pergunta da exegese... a dogmática estruturou que teríamos um estado de integridade antes, e depois da queda um estado de corrupção. E que no estado de integridade o ser humano nunca sofreria com a morte biológica também. Teólogos de várias vertentes defendem isso, luteranos, metodistas, toda ala mais conservadora da teologia evangélica defende essa posição que o homem teve um estado de integridade. E justamente o meu trabalho era questionar um pouco isso. Questionar dizendo assim é... Deus nos criou semi-deuses, brincando até com a filosofia, ou então nos criou então, realmente seres biologicamente mortais. Mas que em determinado momento, lá o redator percebeu que no dia a dia... nós sofremos com o trabalho, temos que suar, e a mulher sofre então com as dores do parto. Então é até interessante que Deus, no seu castigo no Genesis 3, não está a morte. No castigo do Genesis 3 tá o trabalho e o sofrimento da mulher. Quer dizer, o trabalho e o sofrimento, então o redator, só poderia compreender aquilo.. a sua vida ali, nossa eu tenho que trabalhar, nós hoje seres humanos temos que trabalhar pra sustentar nossas famílias e também as mulheres sofrem aí com os dilemas do parto e da gravidez. Então isso pro redator judeu lá do século IV, então isso só pode ter acontecido como um castigo de Deus. Mas em outro momento o redator tem uma forma natural de lidar com a morte. Porque, logicamente, no seu paralelismo, ele não teria porque deixar a imagem que Deus tenha mentido, porque Deus disse que o Adão ia morrer e o Adão não morreu. E a serpente então foi a que disse a verdade? Ahh.. você não vai morrer, come. No paralelismo judaico eu percebo que não, justamente Deus falava a verdade, - Adão, tu certamente morrerás, então quando ele colocou a comida na boca, ele certamente morreu. Tudo acabou pra ele, a vida no paraíso, a vida sem dor, a vida sem sofrimento. Tudo acabou, agora ele tava fora do jardim, só vestido com uma capa de couro, e teve que lutar pela sobrevivência. Enquanto que a serpente era a grande mentirosa da história, porque ela disse pro Adão*

*que ele não ia morrer, ela disse: podem comer que vocês não vão morrer, e o casal come. E aí perde toda a ... então nesse ponto, com uma teologia da ala mais dogmática, sistemática, então eu como professor mais da área exegética, eu também tenho que levantar esse questionamento, levantar essa lebre e dizer, será que é tão automático essa ... tem paralelismo no Novo Testamento onde a gente pode trabalhar com isso, por exemplo: o filho pródigo né, vamos lá gente, põe um anel no dedo desse piá, põe uma roupa nova, põe uma chinelo no dedo, porque esse piá tava morto e agora esse piá tá vivo, tava perdido e foi achado. Então quer dizer, o piá tava morto... quer dizer, a relação .. eu penso que a teologia Neo e Veterotestamentária, a morte ela tem não só o seu aspecto físico mas tem o aspecto relacional. Que em alguns momentos estão separados, como assim no Genesis, mas que em alguns momentos também se unem de forma muito concisa. 1:00:53 Então no próprio Cristo... meu Deus, meu Deus, por que me abandonou, então...Deus, o Pai silencia, quer dizer, aconteceu todo um rompimento ali, o Pai silencia diante daquela desgraça, mas o Filho passa então pela morte física também, mas essa relação é muito tênue...*

Código: Base teórica fundamentada na ciência bíblica da área de exegese (estudo histórico-crítico) versus propostas da teologia sistemática (interpretações dogmáticas de cunho denominacional)

Código: Morte biológica e morte relacional (a perda da relação Deus fez com que o ser humano vivesse através de seu próprio trabalho)

*35 P7 Porque eu tinha uma idéia de morte até morrer o meu pai, eu tinha uma idéia sobre morte. E depois da morte do meu pai eu passei a ter uma outra idéia. Eu confesso que eu tinha muito medo da morte, particularmente.*

Código: Empírico, histórico familiar.

*50 P7 Por exemplo, eu hoje eu olho a morte como uma... eu sempre entendo que a morte é uma passagem dessa vida pra outra vida, eu sempre entendi isso. Mas morrendo a minha avó, morrendo o meu pai, eu comecei a ver a morte como uma coisa legal. Quer dizer, a pessoa quando morre, ela vai se encontrar com as pessoas que ela ama, se ela tem esse compromisso com Deus.*

Código: Empírico, condicionado pela cultura familiar.

*60 P7 Desde o início, quando eu era juvenzinho, eu comecei a perceber quando as pessoas se separavam que era uma morte mesmo para aquelas pessoas.*

Código: morte simbólica aprendida pela percepção empírica.

*85 P6 E aquilo me chamou a atenção, e eu fiz uma pesquisa sobre isso, criei um espaço na igreja em Cabo Frio, onde a gente recebia os mortos da nossa comunidade. Foi muito difícil porque, depois eu tive que organizar isso, porque as pessoas chegavam de madrugada lá em casa, batia na porta e dizia: olha... morreu meu irmão, morreu minha tia, morreu minha mãe. E as pessoas... muitas preferem velar os seus mortos numa Igreja do que num cemitério.*

Código: Percepção empírica de necessidades sociais

Código: É preferível velar na igreja ao invés de no cemitério

145 P7: *Na minha formação, eu lembro, que a única vez que esse assunto foi abordado, foi em Homilética... em Homilética II, que a gente vai tratar de culto fúnebre. E também em psicologia pastoral... que eu lembro a gente tratou bem pouco, “an passant”. Na homilética a gente tratou assim, mais um pouco, porque a gente tinha que fazer o culto fúnebre e tinha que dar assistência à família enlutada. São os ofícios. Ai eu lembro de algumas coisas que a gente viu. Fora isso não.*

Código: Disciplina que trata da ordem litúrgica e procedimentos marcou pelo culto fúnebre;

Código: Psicologia pastoral se aproximou do tema (pouco)

155 P7 *Na minha formação, eu não lembro de ter feito nenhum trabalho sobre morte, e em aconselhamento pastoral foi falado muito pouco. E eu acho que na minha formação da morte, foi quando eu perdi a primeira pessoa que eu lembro, que eu estava já no seminário, foi minha avó, que era muito chegada, que eu passei acho que uma semana estudando sobre a vida após a morte. Embora eu fosse seminarista, me bateu um grande vazio. Eu não sabia nada sobre aquilo, e eu comecei a pensar: eu vou morrer e como é que é? E eu comecei, e a minha grande decepção é que eu não achei nada que me consolasse, entendeu, e eu vi o que os teólogos tinham escrito... mas nada do que eles falavam era palpável... Fiquei assim... conturbado com aquilo, com aquela experiência ali. Na verdade só depois... das coisas que eu tenha lido sobre a morte.. você tem muito pouco e pouca coisa com segurança. Porque a Bíblia fala pouco também né, fala da ressurreição de Lázaro, que morreu e voltou, Jesus que morre e ressuscita, e Moisés.. então ela fala muito pouco sobre essa coisa da morte, ou da vida após a morte. Jesus conta ali numa parábola com o rico e Lázaro. Paulo falando da sua redenção, então a Bíblia mesmo não fala muito na outra vida, tanto é verdade que nessa hora a gente gostaria de saber mais... A teologia fala muito mais, falando que há uma vida depois, mas, como eu falei, na minha formação, eu vi muito pouco sobre isso, e a minha grande experiência foi aquela da perda da minha vó, e depois da perda do meu pai. Do meu pai foi diferente, eu passei a encarar a morte de forma diferente, não sei porque, eu acho que foi uma coisa muito psicológica, não teve uma lógica mesmo, eu não estudei, eu não descobri nada novo, eu apenas experimentei um conforto que eu ia encontrar meu pai. Talvez pelo fato de ele ter tido uma morte... assim... tranquila, embora foi do coração, os médicos dizem que cada enfarto que você tem é semelhante a um caminhão passar por cima do seu peito, e ele teve 5 antes de morrer na sequência, mas o fato de ele na sexta feira ter se despedido de todo mundo, foi na Igreja e disse: é a última vez que eu venho aqui... E quando foi domingo ele teve a crise, foi pro hospital, ficou uma semana e morreu. Não sei, essas coisas todas me ajudaram a... meu pai encarava a morte com uma serenidade muito grande, e acabou que eu absorvi isso depois da morte dele.*

Código: Dificuldade de encontrar base teórica na ciência bíblica e no texto bíblico

Código: Os teólogos (intérpretes da bíblia que fazem teologia sistemática) não satisfazem

Código: as experiências familiares são a base para o entendimento da morte - empírico

185 P6: *Não, com certeza, não tenho dúvida, não tem na grade. Por isso que eu acho que você deve estar tendo um aprendizado quase inédito. Eu lembro um pouco em Antropologia quando a gente estudou a percepção da morte nas mais diversas culturas, o significado da morte nas mais diversas culturas e em épocas diferentes,*

Código: Disciplina de antropologia apresentou o tema em relação às diversas culturas

*200 P6 Só o que a gente vai buscando depois, vai vivenciando, as experiências. Porque eu acredito que, como eu, as pessoas não gostam de pensar sobre a morte, nem nos meios acadêmicos... (risos)*

Código: Empírico.

Código: Justificou a falta de interesse devido ao tema ser interdito (cunho psicológico)

## ANEXO 1

**Fundação Universidade  
Federal de Rondônia – UNIR**

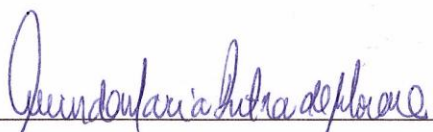


**Comitê de Ética em Pesquisa do Núcleo de Saúde – CEP/NUSAU**

Porto Velho, 14 de setembro de 2010  
Carta 048/2010/CEP/NUSAU  
Da: Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa  
Para: Rodrigo Moreira Martins  
Assunto: Parecer Ético  
FR: 357947  
CAAE: 0025.0.047.000-10

Informo-lhe que o projeto de pesquisa de sua autoria "*A questão da morte na prática educativa de formadores: um estudo de caso no ensino superior*" **foi aprovado** em reunião do Comitê de Ética realizada em 13/09/2010. Por consequência, o estudo poderá ser imediatamente iniciado.

Outrossim, esclareço que este Comitê deve ser informado do andamento da investigação, bem como receber cópia do relatório final, quando de sua conclusão

  
Prof.ª Ms. Lucinda Maria Dutra de S. Moreira  
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa  
Comitê de Ética em Pesquisa NUSAU/UNIR  
Coord. Port. 260/GR/2010